

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**APLICADAS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO**  
**SOCIAL**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ARTRASH: LAZER E ATIVISMO DA JUVENTUDE EM**  
**BANGU-RJ**

**AMANDA DE SANTA RITA BASTOS**

**2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**ARTRASH: LAZER E ATIVISMO DA JUVENTUDE EM BANGU-RJ**

**AMANDA DE SANTA RITA BASTOS**

*Sob a Orientação da Professora*

**Dra. Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Seropédica, RJ.  
Dezembro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B BASTOS, Amanda de Santa Rita, 2000-  
ARTRASH: LAZER E ATIVISMO DA JUVENTUDE EM BANGU  
RJ / Amanda de Santa Rita BASTOS. - Seropédica/RJ,  
2023.  
77 f. : il.

Orientador: Mônica Aparecida Del Rio BENEVENUTO.  
Trabalho de conclusão de curso(Graduação). --  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Serviço  
Social, 2023.

1. coletivos. 2. Cultura. 3. Periferia. 4. Bangu.  
5. Zona Oeste. I. BENEVENUTO, Mônica Aparecida Del Rio  
, 1964-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro. Serviço Social III. Título.

Amanda de Santa Rita Bastos

ARTRASH: LAZER E ATIVISMO DA JUVENTUDE EM BANGU-RJ

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, pelo Curso de Graduação em Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Data de aprovação: 05 de Dezembro de 2023.

Profa. Dra. Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto  
Orientadora - Presidenta (DEDH/UFRRJ)

Profa. Dra. Salomé Lima Ferreira de Almeida  
Membro interno (DEDH/UFRRJ)

Prof. Dr. Jorge Luiz de Góes Pereira  
Membro interno (DEDH/UFRRJ)

Seropédica, RJ.

2023

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais Vanderlei e Marta, por me apoiarem nesta jornada e aos organizadores do Artrash por persistirem em resistência através da arte.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do meu coração a todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho, marcando o encerramento desta etapa tão significativa em minha vida.

Em primeiro lugar, quero expressar minha profunda gratidão aos meus pais, Vanderlei e Marta, verdadeiros pilares em minha vida. Seus esforços incansáveis, o apoio, o amor e a dedicação foram fundamentais para que eu alcançasse este momento. Não existem palavras que possam traduzir o quanto sou grato por tudo o que fizeram por mim.

Aos familiares e amigos, que compartilharam comigo as alegrias e desafios desta jornada, agradeço de coração. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo, cada momento compartilhado foi essencial para meu crescimento e superação. Em especial ao meu namorado Fernando, que esteve ao meu lado com amor, compreensão e incentivo.

À minha orientadora Dra.Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto, minha sincera gratidão por sua orientação dedicada e por desempenhar um papel crucial na minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço por puxar minha orelha nos momentos necessários, pela atenção dispensada e, principalmente, por ser um exemplo inspirador como profissional e ser humano.Obrigada por tudo!

Aos amigos que construí ao longo da graduação, Shayanne, Ícaro e Mariana, meu quarteto mais que fantástico, que tornaram todo o processo da graduação mais leve, com tantos momentos importantes que dividimos juntos entre aulas, seminários, anseios e brincadeiras.Vocês são parte indelével da minha jornada e sei que continuarão a ser presença na minha vida. Que venham as próximas etapas, estaremos juntos e vibrantes.

Agradeço também aos organizadores do Artrash, Rômulo Carvalho, Dominique Eiras, Isabella Silva e Miguel Pereira. Os eventos organizados por eles, foram elemento central da minha pesquisa, que desencadeou uma profunda influência em minha vivência na adolescência e na concepção deste trabalho.Expresso minha gratidão pela oportunidade de participar desses eventos, que não só enriqueceram minha vida, mas também enriqueceram o foco da minha pesquisa.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, meu profundo agradecimento por proporcionar vivências e aprendizados incríveis ao longo do curso de Serviço Social. Agradeço também a todos os docentes que, com dedicação e paixão, contribuíram para meu encantamento crescente pela área. Cada aula, cada desafio, foi uma peça crucial no quebra-cabeça da minha formação.

## RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar um movimento comunitário artístico chamado Artrash, o qual reúne parte da juventude da Zona Oeste carioca. Os eventos realizados por este coletivo são analisados através de uma pesquisa de documentação virtual e informal, pois não há registros físicos, que eu pudesse acessar sobre esse evento cultural, todos os registros existentes estão limitados ao que foi postado no Facebook, meio digital e virtual. Outro meio são as minhas próprias lembranças como frequentadora dos eventos organizados por eles que ocorreram em diversos espaços, dentro dos limites dos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo. Nestes espaços há certo descaso em relação à cultura e lazer por parte do Estado, principalmente em relação à juventude, invisibilizada pelo poder público. Hoje, tanto no senso comum quanto em algumas pesquisas aliadas à perspectiva mercadológica, o lazer se confunde com consumo da cultura de massa. Para a vertente marxista, o tempo de lazer é poluído pelo capitalismo, tornando-se mais um produto dentro da lógica do Capital. Por essa vertente crítica, entende-se que o lazer foi transformado em produto e o fetichismo da mercadoria em “um aspecto central da cultura”. Assim, o Lazer hoje é majoritariamente entendido como produto, enquanto deveria ser visto como uma reivindicação social, necessária ao desenvolvimento completo do ser humano. Neste trabalho, a reflexão sobre o movimento Artrash revela que o mesmo consolidou-se como mais do que um movimento cultural local, tornando-se um símbolo de resistência, inclusão e expressão artística na comunidade da Zona Oeste.

**Palavras-chave:** coletivos; Cultura; Periferia; Bangu e Zona Oeste.

## ABSTRACT

This work aims to analyze an artistic community movement called Artrash, which brings together part of the youth from Rio de Janeiro's West Zone. The events carried out by this collective are analyzed through a virtual and informal documentation search, as there are no physical records that could be accessed about this cultural event, all existing records are limited to what was posted on Facebook, digital and virtual media. Another means are my own memories as a frequenter of the events organized by them that took place in different spaces, within the limits of the neighborhoods of Bangu, Padre Miguel and Realengo. In these spaces there is a certain disregard in relation to culture and leisure on the part of the State, especially in relation to youth, made invisible by public authorities. Today, both in common sense and in some research combined with the marketing perspective, leisure is confused with the consumption of mass culture. For the Marxist side, leisure time is polluted by capitalism, becoming another product within the logic of Capital. Through this critical aspect, it is understood that leisure was transformed into a product and commodity fetishism into "a central aspect of culture". Thus, Leisure today is mostly understood as a product, while it should be seen as a social demand, necessary for the complete development of humans. In this work, reflection on the Artrash movement reveals that it has consolidated itself as more than a local cultural movement, becoming a symbol of resistance, inclusion and artistic expression in the West Zone community.

**Keywords:** collectives; Culture; Periphery; Bangu and West Zone.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Zona Oeste do Rio de Janeiro.....	32
Figura 2 - Espaço Cultural Viaduto de Realengo.....	52
Figura 3 - Artrash - Pichação em Poste com nome do evento .....	56
Figura 4 - Folder virtual na página do Artrash.....	57
Figura 5 - Pré-Artrash.....	58
Figura 6 - Manequim coberto de post-its.....	59
Figura 7 - Atividades edição do Artrash.....	61
Figura 8 - Evento na Praça da Guilherme em 2017.....	63
Figura 9 - Apresentações de dança.....	64
Figura 10 - Roda de conversa.....	65
Figura 11 - Artes expostas no evento.....	67
Figura 12 - Frequentadores da Pedrada.....	68
Figura 13 - Atividades e artes.....	69
Figura 14 - Post de divulgação.....	70

### QUADROS

Quadro 1 - Atividades evento Artrash.....	60
Quadro 2 - Atividades e expositores presentes no evento.....	66
Quadro 3 - Atividades e expositores em 2018.....	68

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AP - Área de Planejamento**

**CLT - Consolidação das Leis do Trabalho**

**CPC - Centro Popular de Cultura**

**CPII - Colégio Pedro II**

**ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente**

**IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

**IDH - Índice de Desenvolvimento Humano**

**INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**

**IPS - Índice de Progresso Social**

**LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, o símbolo de “mais” para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo.**

**ONG - Organização não governamental**

**PEC - Proposta de Emenda Constitucional**

**PIB - Produto Interno Bruto**

**RA - Região Administrativa**

**RJ - Rio de Janeiro**

**SMASDH - Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos**

**ZOA - Zona Oeste Ativa**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. PARA ALÉM DO LAZER: UMA ANÁLISE CRÍTICA E A LUTA PELO DIREITO AO TEMPO LIVRE.....</b>	<b>19</b>
2.1 Lazer na teoria: revisitando conceitos.....	19
2.2 Crítica marxista ao lazer.....	23
2.3 O lazer como direito.....	28
<b>3. A REGIÃO DE BANGU: ACESSO AO LAZER.....</b>	<b>32</b>
3.1 Conhecendo o bairro de Bangu.....	32
3.2 Espaços de lazer.....	36
3.3 Cultura popular como ato político e resistência.....	39
3.4 Movimentos comunitários e coletivos de Bangu.....	42
<b>4. JUVENTUDES EM MOVIMENTO.....</b>	<b>45</b>
4.1 Revisitando Conceitos.....	45
4.2 Espaços de lazer juvenil: Um retrato da desigualdade.....	48
4.3 Coletivos de juventudes.....	50
<b>5. ARTRASH: TRANSFORMANDO LAZER E CULTURA EM BANGU.....</b>	<b>56</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo da cultura desempenha um papel crucial na busca da identidade para os jovens, mas é no âmbito do lazer e do tempo livre que essa busca se materializa das mais diversas formas. O lazer dos jovens no Brasil é uma manifestação rica e complexa da cultura juvenil, refletindo não apenas suas preferências individuais, mas também suas condições sociais, materiais e culturais (Martins; Souza, 2007).

O universo cultural se revela como um cenário especial repleto de práticas, representações, símbolos e rituais, onde os jovens procuram estabelecer sua identidade e se a dimensão cultural desempenha um papel tão significativo na vida dos jovens, contribuindo para a definição de suas identidades e estilos, é no contexto do lazer e do tempo livre que as práticas culturais se manifestam em suas mais diversas formas.

No entanto, é importante destacar que o acesso e a prática do lazer nem sempre é igual para todos os jovens. Na verdade, os jovens brasileiros ocupam o seu tempo livre de forma muito variada e sob condições bastante desiguais. Noções como diversidade e desigualdade devem ser consideradas para se compreender a complexidade sociocultural do que é ser jovem (Brenner et al., 2008). Assim, as escolhas de como gastar seu tempo livre é condicionada às condições materiais para tornar uma vontade, uma prática concreta. A divisão social, baseada em fatores como raça, classe social e local de moradia, podem criar desigualdades significativas no que diz respeito ao lazer, tornando-o em um privilégio ou uma oportunidade limitada de experimentação (Martins; Souza, 2007).

A pesquisa aqui realizada é de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa visa compreender eventos sem recorrer à enumeração ou medição e obter dados descritivos por meio do contato direto do pesquisador com a situação estudada. O pesquisador busca entender os fenômenos a partir da perspectiva dos participantes da situação estudada, orientando sua interpretação com base nessa compreensão (Neves, 1996). Minha abordagem metodológica está ancorada não apenas em análises teóricas, mas também nas minhas recordações pessoais enquanto frequentadora. A dimensão teórica é pautada em uma pesquisa bibliográfica que permitiu abordar a formação de coletivos de lazer e cultura em Bangu, passando por conceitos de lazer, juventude e um retrato do bairro mencionado. Os dados dos eventos realizados pelo coletivo Artrash foram coletados através de documentos virtuais e informais, pois não há documentos físicos impressos que eu pudesse acessar a respeito deles, com todos os registros existentes limitados ao que foi postado no *Facebook*, e nas minhas memórias sobre o evento.

No período pesquisado, enquanto frequentadora dos eventos, minha intenção era vivenciar a experiência de arte, lazer e socialização que eles proporcionaram no bairro em que cresci, em um período anterior a minha entrada na universidade, estava saindo da adolescência e via como um ambiente para a livre expressão e manifestação cultural ou como eu pensava na época, um local para me divertir enquanto via algumas artes legais. Hoje, revisito essas vivências com o embasamento teórico e uma perspectiva crítica que a faculdade me proporcionou.

As atividades de lazer mais populares entre os jovens brasileiros em seu tempo livre em casa incluem assistir televisão, ouvir música e descansar. Isso reflete a influência da mídia na vida dos jovens, onde a televisão ocupava um lugar central nas atividades diárias, porém estudos mais recentes apontam para um aumento de atividades *online*, com 54% daqueles com idade entre 18 a 24 anos afirmando ter seus momentos de lazer mais comum, navegar na *internet* (Esbrasil, 2019).

Fora de casa, os jovens preferem se reunir com amigos, praticar esportes, dançar, ir a festas e bares, essas atividades não apenas fornecem entretenimento, mas também são oportunidades de socialização e construção de identidade, os locais de encontro variam, com muitos jovens optando por espaços públicos, como ruas, praças, áreas esportivas ou casas de amigos.

Segundo a pesquisa da Secretaria-Geral da Presidência da República realizada em 2014 revelou que entre os jovens de 15 a 29 anos, as atividades de lazer e cultura mais populares são aquelas que não envolvem custos, representando percentagens consideráveis. Isso inclui passeios em parques ou *shoppings* (61%), festas em casa de conhecidos (55%), comparecimento a missas e cultos religiosos (54%), saídas para bares com amigos (41%), e passeios em *shopping centers* (40%). Apenas 19% dos jovens afirmaram ter frequentado cinema nos 30 dias anteriores à pesquisa, índice que despencou para 4% quando se trata de ida ao teatro.

Em relação à frequência em atividades culturais ao longo da vida, os números também são preocupantes, um grande percentual de jovens brasileiros nunca teve experiências como assistir a um concerto de música clássica (84%), ir ao teatro (65%), ou visitar uma biblioteca fora da escola (59%). Nos fins de semana, a maioria dos jovens (79%) opta por atividades de lazer fora de casa, enquanto uma parcela menor prefere atividades em casa (44%), prática de esportes (22%), visitar parentes (14%), ou atividades religiosas (11%).

A pesquisa ouviu 1.100 jovens de diferentes estratos sociais, com uma margem de erro de 3 pontos percentuais, revelando que a participação em atividades culturais mais

tradicionais, como ir ao teatro, museus ou mesmo ao cinema, é relativamente baixa entre os jovens brasileiros, essa falta de acesso a eventos culturais pode ser atribuída a barreiras econômicas, geográficas e educacionais. Um fator relevante para a falta de acesso no Rio de Janeiro é tanto a precariedade da mobilidade urbana na cidade quanto a alta concentração de espaços de lazer e cultura no centro e zona sul, em defasagem de outras regiões da cidade.

O Rio de Janeiro é marcado pela defasagem dos transportes públicos, trânsitos caóticos e a falta de planejamento da geografia urbana. As baldeações, trocas de transportes e longo tempo de espera, são alguns dos obstáculos enfrentados pela classe trabalhadora. Quem usa transporte público na região metropolitana do RJ leva, em média, 67 minutos para chegar ao destino. Isso considerando apenas viagens na cidade do Rio e não contabilizando trajetos intermunicipais. Além de metade dos passageiros fazerem duas baldeações por viagem (e outros 15% fazem 3 ou mais trocas), antes de entrar no ônibus, trem, metrô e barca, os passageiros do RJ esperam em média 17 minutos. (Vanni; Hartmann, 2020).

Na Zona Oeste e na Baixada, é comum que os moradores passem mais tempo se deslocando para o trabalho do que descansando em casa durante a semana, com até 5 horas ou mais de deslocamento diário para o Centro ou Zona Sul do Rio de Janeiro e quando se trata de cultura e lazer, é notável que os espaços e eventos dedicados a essas atividades estão predominantemente concentradas nas áreas central e sul da cidade do Rio. Dos 128 museus públicos e privados cadastrados na rede, 88 estão localizados na zona sul e centro do Rio e apenas 40, se encontram em outras áreas do município, representando menos de 32%. A situação agrava-se ao analisar as instituições públicas que das 75, apenas duas não estão, ou seja, 22,6% (Garcia; Rabello, 2019).

Durante a semana com o trabalho e escola se torna inviável frequentar esses espaços e nos fins de semana a quantidade e horário dos transportes públicos é reduzido, passando uma mensagem de que apenas um grupo privilegiado pode de fato usufruir deles. Nessa cidade onde a mobilidade e acesso a zonas de lazer é defasada, coletivos que promovem saraus de poesia, rodas culturais e feiras começam a ocupar espaços antes ociosos.

Grupos como o Artrash, foco da minha pesquisa, foram responsáveis por promover eventos culturais, artísticos e festas na área em que passei minha adolescência. Esse evento era organizado por jovens da região, ocorrendo na Praça de Guilherme da Silveira, que fica parcialmente nos bairros de Bangu e Padre Miguel, na região entre a Praça dos Abrolhos e o Ponto Chique.

Participei de poucos eventos, que eram de grande popularidade na minha escola. Meus amigos já haviam frequentado e sempre tinham histórias interessantes sobre as edições

em que foram, sobre exposição de desenhos, pessoas que conheceram, a música. Na realidade, o Artrash era reconhecido como o evento mais célebre e acessível para jovens que, como eu, buscavam algo diferentes das opções convencionais do dia a dia, como idas ao *shopping*, cinema, igreja ou, mais raramente, encontros na casa de amigos.

Os eventos culturalmente ricos e festivos geralmente se desenrolam no centro da cidade ou na zona sul, tornando-se desafiadores para quem, como eu, residia em Bangu. A limitação dos transportes públicos, como o trem encerrando suas operações às 23 horas durante a semana e às 21 horas nos fins de semana, tornava inviável nossa participação nesses eventos distantes. Embora amigos tenham me contado de algumas vezes em que foram e viraram a noite no centro da cidade para conseguir pegar o trem de volta pela manhã, eu não tinha essa coragem.

Finalmente, em 2017, fui pela primeira vez a um evento do Artrash. Apesar das muitas narrativas dos meus amigos, centradas apenas em suas interações e experiências pessoais, fiquei surpresa ao descobrir que ocorria em uma quadra de basquete de uma praça, estava tão completamente cheio que era difícil andar. A gente, como muitos outros, decidimos passar o resto da noite ao ar livre, ao redor da quadra, ela mal parecia comportar a multidão. Assim, a celebração expandiu-se para ao redor da quadra, abrindo espaço lá dentro para quem queria dançar ao som da batida. Do lado de fora nos deparamos com algumas mesas, vendendo doces, acessórios, isqueiros e até outros expondo desenhos.

Meu segundo evento, em 2018, durante o festival JunTey: ZO resisti, foi mais impactante. Cheguei cedo demais para a festa, tarde demais para o curta-metragem inicial e no tempo exato para acompanhar a roda de conversa sobre a guerra às drogas que ocorreu após o filme. Enquanto os tópicos eram discutidos, eu contemplava os desenhos, xilogravuras e poemas pendurados próximos às grades da quadra, com algumas frases ali expressando declarações políticas como "mulher preta resiste" ou mensagens intrigantes e às vezes confusas, como "todo corpo tem direito de flutuar em si mesmo!".

Vi as roupas que estavam à venda nas barraquinhas dentro da quadra, acessórios como brincos e pulseiras e algumas comidas e bebidas. Testemunhei a transição da roda de conversa para uma multidão impaciente pela festa, algum subiu no *pallet* de madeira que servia como palco e explicou que a roda de conversa atrasou e por isso se estendeu para além de tempo combinado, demorou mais alguns minutos e O DJ subiu ao seu "palco" e deu início à música, marcando a abertura do evento.

Essa experiência, junta minha vivência na Zona Oeste e meus quatro anos de faculdade, que me levaram aos seguintes questionamentos: Qual é a importância da

mobilização espontânea dos jovens da região em coletivos como um ato político? De que maneira eventos populares e comunitários, como o "Artrash", podem ser considerados uma forma de resistência? Quais elementos contribuem para essa resistência? Quais das estratégias empregadas pelo "Artrash" podem proporcionar lazer e cultura para a juventude de Bangu e arredores? Qual a importância de entender os coletivos juvenis que atuam na produção cultural em Bangu para uma melhor compreensão da vida dos jovens da periferia? Como o consumo da cultura de massa se relaciona com a ideia moderna de lazer?

Neste estudo, analiso como os jovens de Bangu buscam e criam seu lazer, considerando que aqueles que vivem em Padre Miguel também se identificam como banguenses, devido à proximidade e interdependência entre os bairros. Para isso, é essencial compreender alguns pontos importantes:

Primeiramente, Bangu é um bairro periférico do Rio de Janeiro e que como uma localidade da Zona Oeste, distante do Centro e Zona Sul, sofre com descaso e negligência em relação à cultura e ao lazer, especialmente por ter se constituído enquanto um bairro operário. O bairro de Bangu foi, inclusive, alvo de um processo de "embrutecimento" na década de 1970, com a vinda de desalojados de outras áreas da cidade.

Segundo, observa-se que o consumo da cultura de massa se confunde com a ideia moderna de lazer, onde este já não é apenas repouso ou participação na vida coletiva, como festas e eventos familiares e comunitários, mas, progressivamente, é marcado pelo desejo de consumo e pelo prazer que ele proporciona. Nesse contexto, eventos populares e comunitários, como o "Artrash", podem ser vistos como uma forma de resistência.

Assim, a mobilização espontânea dos jovens da região para criar seu próprio entretenimento é um ato político por si só. Ao ser organizado pelos próprios jovens da região, o "Artrash" ganha uma dimensão política significativa, representando uma forma de auto-organização e resistência.

Entender os coletivos juvenis que atuam no campo da produção cultural em Bangu é fundamental para uma melhor compreensão dos jovens da periferia e do ambiente em que vivem. Esse estudo pode contribuir para o trabalho do Assistente Social, que historicamente se desenvolveu como uma profissão voltada a remediar as relações conflitantes entre diferentes classes sociais. Em suma, a análise das estratégias empregadas pelo "Artrash" para proporcionar lazer e cultura para a juventude de Bangu e arredores é um tema relevante, e a compreensão desse contexto pode enriquecer a atuação do Assistente Social na região.

Assim o objetivo desta pesquisa é analisar as estratégias desenvolvidas pelo Artrash para facilitar o acesso ao lazer e à cultura para os jovens da Região de Bangu e para atingir



esse objetivo, retratar a organização de movimentos sociais juvenis de cultura na periferia do Rio de Janeiro, em especial, à região de Bangu e fazer um recorte cultural e socioeconômico das juventudes que frequentavam o Artrash no período de 2016 a 2022. Sendo esse o período de atividades do Artrash, com o primeiro evento relatado no *Facebook* ocorrendo em outubro de 2016 e o último em novembro de 2022, após um longo tempo de pausa.

Para compreender a importância do lazer como um direito social, é fundamental revisitar conceitos teóricos relacionados a essa área. No capítulo “Para Além do Lazer: Uma Análise Crítica e a Luta pelo Direito ao Tempo Livre” apresento a evolução dos conceitos acadêmicos relacionados ao lazer. Primeiramente, as diferentes definições e perspectivas teóricas sobre o lazer ao longo da história, destacando suas múltiplas dimensões culturais, sociais e políticas. Em seguida, aprofundaremos na crítica marxista ao lazer, enfatizando como as ideias de teóricos marxistas que influenciaram numa compreensão mais vasta do lazer como uma prática social permeada por relações de classe, trabalho e consumo. Por fim, o direito ao lazer, ressaltando sua importância como parte dos direitos humanos e sua inclusão nas legislações nacionais.

No Capítulo “A Região De Bangu: Acesso Ao Lazer” focalizo a região de Bangu e seu acesso ao lazer com uma contextualização histórica e geográfica de Bangu no contexto da cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, examino os espaços de lazer disponíveis na região e sua oferta de atividades culturais e recreativas. Abordo o tema da Cultura Popular, definindo seu conceito e enfatizando a importância de relacionar as expressões culturais com as diversas classes e grupos sociais, mesmo em um contexto social compartilhado. Por fim, investigo o papel dos coletivos locais na promoção de atividades culturais e de lazer para a comunidade. Esse capítulo contribui para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais em Bangu.

No capítulo “Juventudes em movimento” mergulho no universo das juventudes apresentando conceitos e abordagens relacionados às juventudes, compreendendo suas especificidades e pluralidades. Em seguida, aprofundo a relação entre juventude e lazer, analisando como essa faixa etária percebe, vivência e busca oportunidades de lazer e suas demandas por espaços de lazer e cultura. Por fim, analiso as diferentes formas como os jovens se organizam coletivamente.

No capítulo, “ARTRASH: Transformando Lazer e Cultura em Bangu” trago o coletivo "Artrash" como um importante instrumento de acesso ao lazer e cultura para as juventudes de Bangu. Descrevo e analiso sua atuação na comunidade local, através das edições que eles organizaram e que foram anunciadas e exibidos no *Facebook*. Eventos que contaram com a

participação ativa de artistas locais, apresentando suas obras, e atraem parte da juventude da área. Destacando sua relevância para a promoção de lazer, cultura e arte da comunidade local.

## **2. PARA ALÉM DO LAZER: UMA ANÁLISE CRÍTICA E A LUTA PELO DIREITO AO TEMPO LIVRE**

Este capítulo busca aprofundar o entendimento sobre o conceito de lazer, abordando sua evolução histórica. Inicia com uma reflexão sobre o ócio em tempos pré-capitalistas, visto como uma prática contemplativa e evolutiva para uma elite privilegiada. Com o advento do capitalismo, o ócio foi percebido de forma negativa devido à burocratização da vida social.

Com a industrialização e a divisão social do trabalho criaram espaço para o desenvolvimento do lazer como uma esfera própria da vida moderna. Porém, mesmo acessível a todos, o lazer carrega características classistas, elitistas e excludentes em um contexto capitalista. O capítulo explora duas perspectivas fundamentais sobre o fenômeno do lazer: as abordagens funcionalistas, que enaltecem o lazer como algo positivo em contraste com o trabalho, e as abordagens marxistas, que enfatizam suas contradições e mercantilização no sistema capitalista.

O capítulo analisa a concepção de lazer de Dumazedier (1976), que o define como ocupações voluntárias, livremente realizadas para descanso, diversão e desenvolvimento pessoal e questionar, a partir de críticas a teoria dele, se de fato existe esse tempo em que somos verdadeiramente livres e se é possível numa sociedade voltada para o lucro.

### **2.1 Lazer na teoria: revisitando conceitos**

Em tempos anteriores ao capitalismo o ócio era visto como uma prática contemplativa, um mecanismo de evolução, estudo e descanso para uma parcela que podia gozar desse privilégio. O surgimento do capitalismo, e seu processo de burocratização da vida social, fez com que o ócio perdesse seu aspecto positivo e passasse a ser visto de forma negativa (Almeida, 2021).

Historicamente o Lazer e suas definições se confundem com a noção de ócio, sendo os dois tidos como um tempo social de não trabalho. No pensamento clássico ou ideal grego, ócio, era percebido como uma forma de vida cujas ações humanas orientavam-se pela contemplação e reflexão de supremos valores da época. Tendo em vista que o modo de produção vigente na época assentava-se sobre a escravidão, os sentidos atribuídos ao ócio derivavam de uma forma de organização social economicamente estratificada.

No período Romano uma nova concepção de ócio é introduzida. Diferente do que ocorre na Grécia, o trabalho perde sua conotação negativa e o ócio passa a ser concebido como tempo de descanso do corpo e de recreação do espírito. Em tal contexto socioeconômico, se cria, através da política do “pão e circo” o “ócio das massas”, que em contraponto ao ócio das classes dirigentes, passa a ser meio de despolitização e controle pelo Estado (Fernandes et al., 2011).

Ainda de acordo com Fernandes, Húngaro e Athayde (2011), durante a Idade Média, o ócio começou a ser adotado como um símbolo distintivo entre as classes sociais, sendo associado à esfera do consumo e servindo como uma demonstração ostensiva do poder econômico através do uso e gasto do tempo livre disponível. No Início da Idade Moderna com o Puritanismo Religioso e a Reforma Protestante, se sobrepõe um novo valor ao ócio, devido à exaltação do trabalho, que passa a ser sinônimo de esforço pessoal necessário para o acúmulo de riquezas. Então considerado como anti-trabalho, o ócio passa a ser considerado sinônimo de vício e tempo perdido.

A burocratização e mercantilização das relações sociais, decorrentes do desenvolvimento do modo de produção capitalista é da sucessão dos seus regimes de acumulação, geraram transformações que não atingiram apenas o mundo do trabalho, mas sim todo o conjunto de relações sociais inseridas nessa sociedade. Ao tornar o tempo cada vez mais burocrático e racionalizado, dividindo-o em diversos períodos: tempo de trabalho, tempo de estudo, tempo livre e etc (Almeida, 2021).

Pensa-se erroneamente que a Revolução Industrial aumentou o tempo livre da população em geral, porém o novo modo de produção impôs aos operários exaustivas jornadas de trabalho. Tal cenário de exploração desencadeou intensas lutas sociais pela redução da jornada e aumento regulamentado do tempo livre. Assim, o tempo livre passa a ser realidade do trabalhador e se torna preciso inaugurar estratégias para controle desse tempo. A Igreja, a Escola, a família contribuem para o controle do tempo livre, mesmo assim o ócio e suas negativas manifestações sobreviviam subvertendo a ordem social estabelecida. Nasce, então, o lazer, para se contrapor aos hábitos doentios da ociosidade, estendendo-se para toda a população como o modo de vida presente nas formas de entretenimento e diversão (Fernandes et al., 2011).

É dentro desse contexto que surge o lazer, que diferente do ócio, é praticado por todos os seres humanos em determinado período de tempo e em determinados espaços direcionados para essa prática, que tem como sua principal característica a realização de alguma atividade

não ligada ao trabalho ou que não seja imposta, sendo realizado de maneiras distintas por cada grupo social (Almeida,2021).

Segundo Baudrillard *Apud* Groppo (2016), esquematicamente, podemos observar também o desenvolvimento dialético do lazer moderno. O lazer viu-se muitas vezes, contestado por instituições conservadoras, liberais ou burguesas, defensoras da estrita ética do trabalho, sendo visto como preguiça, desvio ou corrupção pelos protagonistas da industrialização. No entanto, para as classes trabalhadoras, o lazer era considerado um direito ancestral, inseparável da fusão tradicional entre trabalho e descanso. Na modernidade, finalmente, o lazer conseguiu se afirmar como um tempo e um espaço distinto do trabalho e da produção. Foi estabelecida uma clara separação entre o tempo destinado ao lazer e o tempo destinado ao trabalho, bem como entre os espaços de lazer e os espaços de produção.

Nas sociedades rurais não havia uma separação entre as esferas da vida do homem. O local de trabalho muitas vezes era na própria moradia e trabalho e lazer se confundiam. Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão social de trabalho. A industrialização pode ser considerada como divisor de águas entre trabalho/lazer. Podemos perceber que o fenômeno do lazer como esfera própria e concreta se dá a partir da revolução industrial, com o processo de automação que acentuou a divisão do trabalho e a alienação. O lazer é resultado desse processo histórico que permitiu uma maior produtividade em menos tempo e surgiram com isso reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado de trabalho (Fernandes et al., 2011, p.3).

Alguns estudiosos e pesquisadores no campo sociológico suscitaram interesse pelos estudos do lazer à medida que esse fenômeno emergia na sociedade capitalista. Dentre as abordagens adotadas, o funcionalismo destacou-se como a corrente mais influente. Foi a partir dos estudos de Dumazedier que a sociologia do lazer ganhou destaque enquanto campo de pesquisa, sendo o responsável por criar e inserir o campo de estudos da sociologia do lazer no meio acadêmico, abrindo portas para as mais diversas abordagens (Almeida, 2021).

Ao contrário de seus contemporâneos, Dumazedier não estava preocupado apenas com as consequências relacionadas ao trabalho e à economia, mas em como essas transformações reestruturaram as necessidades, desejos e formas de consciência dos indivíduos. Segundo ele, a obtenção da redução da jornada de trabalho e o aumento do tempo livre têm um impacto direto na dinâmica de organização da sociedade.

Para Dumazedier (1976) o lazer é:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se, ou ainda desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (1976, p.34).

Na perspectiva de Fernandes, Húngaro e Athayde (2011) se destacam dois tipos de abordagens sobre o fenômeno do lazer: as funcionalistas e as marxistas. De acordo com os autores, para os funcionalistas, o lazer é visto como algo necessariamente bom em oposição ao trabalho visto como algo necessariamente ruim. Tendo um ponto de vista compensatório ao ver o trabalho como tempo e espaço de alienação e o lazer como uma possibilidade de fuga individual às insatisfações; e utilitarista ao potencializarem as práticas de lazer como instrumento de recuperação e manutenção da força de trabalho. Aqui os autores se atentam para a falta de visão das diferenças entre classes e como isso afeta a análise crítica do tempo de lazer, pensando em um tempo livre não desassociado da realidade classista e capitalista em que vivemos. Pois se o tempo dentro do trabalho é alienante, porque o tempo fora dele não seria?

Já no ponto de vista Marxista, o trabalho e o lazer são atividades complementares e não contrárias, assim, problemas em um provocam problemas também no outro. Para os marxistas o tempo de lazer é poluído pelo capitalismo, se tornando mais um produto dentro da lógica do Capital. Entendendo que o lazer foi transformado em produto e o fetichismo da mercadoria em “um aspecto central da cultura”, onde ocorre a redução de cada relação humana, sentimento e produção simbólica – cultural, social, religiosa, erótica ou artística – em uma mercadoria, a ser comprada ou vendida segundo seu valor mercantil (Lowy, 2007).

O lazer, somente, como mercadoria seria que, nesse sentido, uma parcela significativa da nossa sociedade estaria excluída do acesso a essas experiências, tendo em vista que mal possui condições de reprodução da vida social e muito menos uma reserva econômica para poder usufruir desse “produto”, o lazer. Portanto, a concepção capitalista de lazer, que promove a mercadorização deste fenômeno, é eminentemente classista, elitista e excludente (Fernandes et al., 2011 p.9).

Nesta direção, as relações sociais não são mais orientadas pela religião e pelas tradições, mas pela lógica do trabalho produtivo, que gera tanto uma divisão social do trabalho quanto uma divisão social do tempo. O trabalho passa a ser a principal atividade e o tempo livre, que conseqüentemente é o momento dedicado ao lazer, se separa do tempo de trabalho e das outras obrigações.

O lazer, na concepção Dumazedier (1976), deve ser compreendido como um conjunto de atividades que o indivíduo realiza por sua livre e espontânea vontade, logo após concluir todas as suas obrigações diárias. Não possuindo nenhum caráter de obrigatoriedade, realizadas unicamente com o objetivo de atingir o prazer e a satisfação pessoal seja essa satisfação

obtida por meio de diversão, descanso ou pelo livre e desinteressado desenvolvimento das capacidades físicas e mentais. O lazer possui um caráter livre, hedonístico e pessoal, tendo como funções o descanso, o divertimento e o desenvolvimento dos indivíduos.

Outra questão problemática nas análises de Dumazedier encontra-se na sua afirmação de que o lazer é uma negação das atividades obrigatórias, sobretudo daquelas que estão ligadas à questão profissional, ou seja, que estão ligadas ao trabalho. É preciso que se compreenda que, na sociedade capitalista, o lazer não se opõe ao trabalho. Assim como todas as demais relações sociais desenvolvidas no modo de produção capitalista, o lazer também está inserido em um processo de mercantilização e burocratização, ou seja, além de transformar-se em mercadoria, o lazer também serve como mecanismo de controle social (Almeida, 2021, p.216).

Falta determinadas vezes na concepção de lazer uma abordagem do seu caráter classista. O lazer não deve ser dissociado da realidade total, tendo contradições internas a sua existência dentro do capitalismo, perpassado por contradição e conflito, que não está disponível e nem existe de forma igual para todos.

## **2.2 Crítica marxista ao lazer**

O lazer está profundamente arraigado na sociedade, tornando-se uma parte tão integral de sua estrutura de uma maneira que raramente é contestada. Essa integração é resultado de uma sociedade que, de alguma forma, é afetada pela mercantilização de suas interações sociais, e é por meio dessas interações materiais que nossos valores e princípios são manifestados (Souza, 2011).

Karl Marx na busca de um caminho que sustentasse o conhecimento necessário para interpretar a realidade superou, no sentido de incorporar e ir além, Hegel no que dizia respeito à dialética. Pois lhe conferiu um caráter materialista e histórico, desenvolvendo o método materialista histórico-dialético, caracterizado por pensar através da materialidade histórica da vida dos seres humanos em sociedade, isto é, trata-se de descobrir as leis fundamentais que definem as formas de organização dos seres humanos durante a história da humanidade.

Os seres humanos se organizam na sociedade para a produção e a reprodução da vida e analisar em como eles vêm se organizando ao longo da história. Basicamente as interações entre seres humanos são estabelecidas pela forma como eles produzem seus meios de subsistência e pelas conexões materiais que se formam entre eles (Pires, 1997).

Essas relações possuem em seu interior fortes contradições estabelecendo um perpétuo

estado de tensão propenso à revoluções. No entanto, só é possível que ocorra uma insurreição mediante a tomada de consciência da exploração que sofrem, é que se torna possível uma mudança nos modos produtivos. Essa relação conflituosa é para Marx uma constância em quase todos os momentos e modelos de produção da história (Souza, 2011).

Já a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos trabalho em que elas e representa não tem, ao contrário, absolutamente nada a ver com sua natureza física e com as relações materiais [dinglichen] que dela resultam. É apenas uma relação Social Determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras como homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. isso eu chamo de Fetichismo (Marx, 2013 p. 207-208).

A palavra "mercadoria" adquire um sentido onde não se refere apenas aos produtos físicos destinados ao consumo, mas também a própria força de trabalho, que passa a ser comercializada "livremente" entre aqueles que possuem os meios de produção e aqueles que não os têm. Nesse sentido, podemos compreender que, assim como as necessidades relacionadas à satisfação das necessidades básicas da vida física devem ser atendidas, também surgem outras necessidades de natureza abstrata que podem ser satisfeitas pela aquisição de mercadorias. Em uma sociedade altamente complexa, com um sistema capitalista avançado de produção, encontramos uma conotação que está além de uma dimensão corpórea e material da mercadoria.

Da mesma forma que a força de trabalho é "coisificada" e comercializada, a mercadoria se torna uma realidade de natureza abstrata. Atualmente, o poder de apropriação não se limita apenas aos meios de produção, mas abrangem até mesmo os elementos mais subjetivos e íntimos (Souza,2011). O contexto do consumo do lazer é potencializado pela Cultura de Massa que de acordo com Adorno e Horkheimer (1985) é um conjunto de produções culturais que tem como característica principal a sua produção em larga escala para o consumo massivo, produzida por grandes empresas do entretenimento, com o objetivo de gerar lucro e atender aos interesses comerciais do mercado, por isso muitas das vezes não apresentam uma reflexão crítica ou aprofundada sobre questões sociais e culturais, e por reproduzir estereótipos e padrões culturais dominantes.

Assim o consumo da cultura de massa confunde-se com a concepção do lazer moderno. Esse direito social não é mais apenas o repouso e a participação da vida coletiva como as festas, eventos familiares e comunitários, tornando-se progressivamente um desejo



pelo consumo, confundindo-se com a necessidade de consumir e o prazer que este consumo traz. Segundo Souza (2011), o desenvolvimento do lazer tem passado por mudanças significativas, que estão intrinsecamente relacionadas às transformações no mundo do trabalho. Nesse contexto, acredita-se que o lazer pode contribuir de maneira significativa para a formação de ideias sobre o destino das sociedades contemporâneas, enquanto muito já foi estudado sobre o comportamento humano no trabalho, é fundamental agora refletir sobre o comportamento humano durante o tempo de não trabalho, uma vez que a forma como utilizamos nosso tempo livre tem um impacto direto na reordenação social. O lazer pode ser considerado não apenas como um resultado da sociabilidade, mas também como um produtor dela.

Ao explorar a relação entre Marx e o lazer, é relevante realizar um resgate histórico para entender como o tempo livre foi absorvido pela classe burguesa no contexto das práticas capitalistas. pois são amplamente documentadas as precárias condições de existência dos trabalhos europeus, em particular os da Inglaterra, durante os primórdios da revolução industrial. No entanto, é necessário ir mais fundo nas questões do cotidiano e obter pelo menos um entendimento básico das formas de lazer e recreação desfrutadas pelos trabalhadores e suas famílias.

Jon Rule (*apud* Ouriques,2005) discute o lazer popular entre 1750 e 1850 e de como foi indispensável para a classe burguesa disciplinar o ócio, isso se traduziu no aumento do tempo de trabalho e redução dos feriados e festividades, bem como inserir modificações no uso do espaço público, a rua. Embora os trabalhadores enfrentassem longas jornadas de trabalho, nem todo o tempo de suas vidas estava sob o controle dos patrões. Isso permitia que desenvolvessem sua própria cultura de diversão, mesmo contrariando as restrições religiosas, os passatempos da plebe incluíam diversões iletradas e "rudes", como a luta livre, luta com porretes, o futebol, o jogo de telhas, o repique de sinos, a perseguição de cães com ossos e pedaços de telha e brigas de galo. Essas atividades aconteciam ao redor do calendário agrícola, dos mercados semanais.

As feiras mostram a sua importância na vida cultural dos pobres da Inglaterra, onde no início da revolução industrial, o ano de um trabalhador ainda era composto de ciclos de grande fadiga e escassez de provisões, intercalados por dias de festa, nos quais a bebida e a carne eram mais abundantes, e as crianças recebiam laranjas e fitas. O ato de dançar, o namoro e as visitas sociais eram elementos fundamentais nessas celebrações. A tradição das feiras perdurou até o final do século XIX, apesar das tentativas das autoridades de delimitá-las ou até mesmo proibi-las (Thompson *Apud* Ouriques, 2005).

Houve também esforços por parte dos "homens de bem" e dos párocos para "civilizar" os trabalhadores, os jornais da época expressaram desaprovação em relação à ignorância das reuniões de domingo, durante as quais mineiros de carvão se reuniam para dançar, jogar e passear pela cidade, além disso, condenavam veementemente as reuniões nas tavernas.

Segundo Ouriques (2005) No século XIX, tanto os religiosos quanto os burgueses reconheceram os benefícios das viagens de trem, que serviam como uma forma controlável e disciplinada de entretenimento, assim, as viagens de trem organizadas pela Igreja se tornaram uma maneira de supervisionar o tempo livre da classe operária. Isso poderia conter as manifestações anárquicas nas ruas e os excessos de bebedeira aos domingos e segundas-feiras.

Para Souza (2011), ao ser incorporado à dinâmica do sistema de produção capitalista, a alegada liberdade do lazer passou a implicar custos, seja através da influência do capital ou da conformidade com uma norma geral. Novamente, surgiu uma pressão externa que moldava nosso tempo de lazer. A questão central que se coloca é a seguinte: é viável considerar o lazer como um espaço de tempo autenticamente livre? Para abordar essa interrogação, torna-se essencial explorar o conceito de alienação.

Na visão de Rocha (2011) Marx descreve a alienação no contexto prático da vida humana, especificamente nas relações econômicas do capitalismo, ele argumenta que o sistema capitalista priva os trabalhadores de sua liberdade e humanidade ao transformá-los em mercadorias. Segundo Marx, o trabalho é a verdadeira expressão da liberdade humana, pois é por meio dele que as potencialidades humanas são realizadas. No entanto, no capitalismo, o trabalhador é alienado, pois seu trabalho consciente é transformado em uma mera atividade para sustentar sua existência, em vez de realizar sua essência humana.

Isso cria uma divisão entre o trabalho consciente, que desenvolve as capacidades humanas, e o trabalho alienado, que atende apenas às demandas do sistema capitalista, reduzindo o trabalhador a uma mercadoria. Marx aponta quatro formas de alienação que afetam o trabalhador. A primeira é a alienação do objeto produzido, onde quanto mais ele produz, menos possui, e o mundo das coisas ganha mais valor, enquanto o mundo dos seres humanos se desvaloriza, tornando-os mais submissos ao domínio do capital. Isso resulta na perda de si mesmo, pois o trabalhador não tem controle sobre o produto de seu trabalho.

A segunda forma de alienação é a autonegação, pois o trabalho alienado não apenas separa o trabalhador do que ele produz, mas também separa o trabalhador de si mesmo. Em vez de libertá-lo, o trabalho alienado se torna uma experiência angustiante, na qual o trabalhador só se sente verdadeiramente livre e vivo fora do trabalho. A alienação, para Marx,

é caracterizada pelo aspecto desumanizante do trabalho, onde o trabalhador não encontra realização, mas se sente como um animal em suas funções humanas (Rocha, 2011).

Primeiro, que o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si (quando) fora do trabalho e fora de si (quando) no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. (...) a externalidade (äusserlichkeit) do trabalho aparece para o trabalhador como se (o trabalho) não fosse o seu próprio, mas de um outro, como se (o trabalho) não lhe pertencesse, como se o trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro(...) chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem só se sente como (ser) livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar quando muito ainda habitação, adornos etc (Marx, 1844 p. 82-83).

A alienação do trabalhador no contexto capitalista é multidimensional. Primeiramente, o trabalhador perde seu senso de humanidade, pois sua felicidade se limita às necessidades animais, resultando em trabalho alienado, onde a consciência se desvanece. Isso está diretamente relacionado ao terceiro aspecto da alienação, onde o trabalhador se distancia de sua vida genérica. Seu trabalho se torna um mero meio para a sobrevivência individual, ao invés de expressar sua liberdade e consciência. A vida genérica, que deveria representar liberdade, é, no capitalismo, reduzida a um mero meio de existência (Rocha, 2011).

Essa transformação afeta o caráter ontológico do trabalho, fazendo com que a atividade vital seja apenas um meio de sobrevivência individual, alienando o ser genérico do trabalhador, incluindo seu corpo, natureza externa e essência espiritual. Isso leva ao quarto aspecto da alienação, onde a alienação de um trabalhador em relação ao produto de seu trabalho, sua atividade e seu ser genérico o torna alheio aos outros, outros que compartilham a mesma condição de alienação em relação a si e ao produto (Rocha, 2011).

Em linhas gerais, a prevalência da ideia funcionalista, que sugere que o lazer está imune à não-liberdade, à opressão e à alienação, como se existisse em um domínio independente da lógica capitalista, é, no mínimo, ingênua. Pelo contrário, o lazer está sujeito às pressões capitalistas tanto quanto qualquer outra interação social, pois, em última instância, as relações concretas são moldadas pela troca de mercadorias. Dentro desse processo, observamos como as coisas são personificadas e as pessoas são coisificadas.

O lazer, assim, vai além de ser apenas um produto das relações sociais e de produção; é também uma necessidade que se desenvolveu à medida que se tornou um campo propício para a expansão das políticas capitalistas de lucro e acumulação. O lazer, portanto, não se limita mais à sua função simplesmente definida pela denotação; ele está inserido na

complexidade das relações contemporâneas, influenciadas pelo fetichismo, alienação e a natureza mercantil (Souza, 2011).

### **2.3 O lazer como direito**

De acordo com Semeghini (2009), apesar de não sistematizado, encontramos manifestações legais de garantia do lazer enquanto um direito na Carta Magna, na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e no Estatuto da juventude que contém amostras formais que servem de validação e garantia do lazer. Os seguintes direitos sociais são garantidos pelo artigo 6º da Constituição Federal: educação, saúde, trabalho, moradia, recreação, segurança, previdência social, proteção materno-infantil e assistência à população em situação de rua.

Consta na Constituição Federal, em seu art. 6º que:

São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição (BRASIL, 1988).

Na CLT, o direito ao lazer é mencionado uma única vez, em uma lista de diversos aspectos da vida de uma pessoa e afirma que esses aspectos são considerados bens juridicamente tutelados, ou seja, são protegidos legalmente.

Art. 223-C. A honra, a imagem, a intimidade, a liberdade de ação, a autoestima, a sexualidade, a saúde, o lazer e a integridade física são os bens juridicamente tutelados inerentes à pessoa física.(Brasil, Incluído pela Lei nº 13.467, de 2017)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) enfatiza a importância do lazer como um dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes. Este é um direito que deve ser garantido pela família, comunidade, sociedade e pelo Poder Público, com uma prioridade que compreende o reconhecimento de que crianças e adolescentes têm o direito de desfrutar de momentos de diversão, entretenimento e atividades recreativas que sejam adequadas à sua faixa etária e às suas necessidades de desenvolvimento. Este direito não se limita apenas ao descanso ou à diversão, mas também abrange o acesso às atividades culturais, esportivas e de entretenimento que enriqueçam suas vidas e promovam seu crescimento pessoal.

Consta no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art.4 que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 2002).

O Artigo 59 do ECA destaca a responsabilidade dos municípios, com o apoio dos estados e da União, em estimular e facilitar a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas especificamente para crianças e adolescentes. Consta no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art.59 que:

Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude (Brasil, 2002).

O Artigo 71 reforça que crianças e adolescentes têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversão e espetáculos adequados a sua idade. Consta no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art.71 que:

A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento (Brasil, 2002).

Em resumo, o ECA reconhece o direito ao lazer como parte essencial do desenvolvimento infantil e juvenil, e exige que a sociedade e o Poder Público criem condições para que esse direito seja plenamente vivenciado, proporcionando atividades de lazer apropriadas, seguras e enriquecedoras para crianças e adolescentes.

Para os jovens em específico, o Estatuto da Juventude, no que se refere à cultura e lazer, estabelece uma série de direitos e diretrizes para garantir o pleno desenvolvimento e participação dos jovens brasileiros. Reconhecendo o direito dos jovens à livre criação, acesso aos bens culturais, e participação nas decisões de política cultural. Além disso, promove o acesso a eventos culturais a preços reduzidos para jovens de baixa renda e estudantes, buscando enriquecer a experiência cultural da juventude em todo o país.

Existem as seguintes proteções legais a cultura e lazer no estatuto da juventude: a Seção VI do Estatuto da Juventude, que aborda o Direito à Cultura, quais os postos-chave incluem, o Artigo 21 que diz que o jovem tem direito à cultura, incluindo livre criação, acesso a bens culturais, participação em decisões de política cultural, identidade cultural, diversidade e memória social; O Artigo 22 que responsabiliza o poder público em garantir o acesso dos jovens à produção cultural, locais culturais, incentivar atividades artísticas e culturais,

valorizar a criatividade dos jovens, promover a diversidade cultural, e proporcionar inclusão digital e acessibilidade aos jovens com deficiência;

O Artigo 23 que assegura que jovens de até 29 anos pertencentes a famílias de baixa renda e estudantes têm o direito ao acesso à diversas atividades de lazer em todo o país, tais como cinema, teatro, espetáculos musicais e circenses, eventos educativos, esportivos e de entretenimento em todo o país a preços reduzidos.

Consta no Estatuto da Juventude, em seu art.23 que:

É assegurado aos jovens de até 29 anos pertencentes a famílias de baixa renda e aos estudantes, na forma do regulamento, o acesso a salas de cinema, cineclubes, teatros, espetáculos musicais e circenses, eventos educativos, esportivos, de lazer e entretenimento, em todo o território nacional, promovidos por quaisquer entidades e realizados em estabelecimentos públicos ou particulares, mediante pagamento da metade do preço do ingresso cobrado do público em geral (Brasil, 2013).

O Artigo 24 que responsabiliza o poder público a destinar recursos financeiros para apoiar projetos culturais produzidos por jovens. Consta no Estatuto da Juventude, em seu art.24 que:

O poder público destinará, no âmbito dos respectivos orçamentos, recursos financeiros para o fomento dos projetos culturais destinados aos jovens e por eles produzidos (Brasil, 2013).

Artigo 25 que diz que os recursos do Fundo Nacional da Cultura devem considerar as necessidades dos jovens em relação ao acesso à cultura e ao desenvolvimento de suas atividades culturais. Consta no Estatuto da Juventude, em seu art.25 que:

Na destinação dos recursos do Fundo Nacional da Cultura - FNC, de que trata a Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, serão consideradas as necessidades específicas dos jovens em relação à ampliação do acesso à cultura e à melhoria das condições para o exercício do protagonismo no campo da produção cultural (Brasil, 2013).

Também menciona a regulamentação da Carteira de Identificação Estudantil, os requisitos de baixa renda, limitações sobre eventos esportivos e a possibilidade de doações para projetos culturais de entidades juvenis. No geral, estabelece importantes direitos culturais para os jovens, visando promover o acesso à cultura, a participação e o desenvolvimento cultural da juventude no Brasil. A Sessão VIII do Estatuto da Juventude é específica para o lazer, mas divide espaço com a prática desportiva, sendo os seus principais pontos que os jovens têm o direito à prática esportiva.

No âmbito do lazer, o Estatuto foca e assegura o direito à prática desportiva voltada para o pleno desenvolvimento dos jovens, com foco no esporte de participação. Também

estabelece a valorização do esporte educacional e a oferta de equipamentos comunitários. Além disso, ressalta a importância de as escolas disponibilizarem espaços adequados para atividades esportivas.

Sendo seu primeiro artigo da sessão, o Artigo 28 referente ao direito do jovem à prática desportiva, seu próximo artigo, o 29 aborda a política pública de esporte e lazer e estabelecendo diretrizes importantes: Realização de levantamentos e análises estatísticas oficiais relacionados à educação física, esportes e instalações de lazer em todo o Brasil, a lei de incentivo fiscal para o esporte, a oferta de equipamentos comunitários que permitam a prática desportiva, cultural e de lazer. Em seu último artigo, o 30, afirma que todas as escolas devem procurar disponibilizar pelo menos um espaço adequado para a prática de atividades esportivas.

Essas disposições do Estatuto da Juventude visam enriquecer a vida cultural e o tempo livre, proporcionando oportunidades de participação, expressão criativa, acesso à cultura e à prática esportiva, contribuindo para o desenvolvimento integral dessa parcela da população brasileira. Este capítulo abordou a evolução do conceito de lazer ao longo da história, desde as sociedades antigas até o contexto contemporâneo, à luz das perspectivas teóricas que o envolvem. Observou-se como o lazer foi afetado pelo surgimento do capitalismo, perdendo sua conotação positiva, e como a industrialização e burocratização do tempo levaram à necessidade de controlar o tempo livre da população.

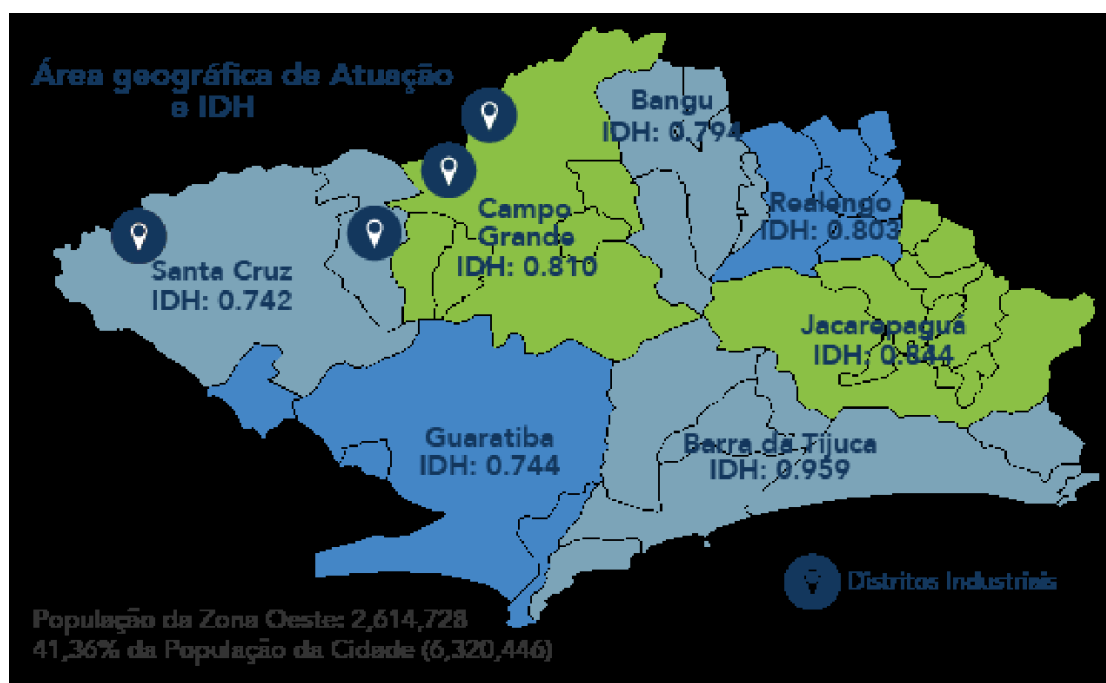
A análise marxista ofereceu um olhar crítico sobre o lazer, demonstrando como o capitalismo transformou o tempo de não trabalho em uma mercadoria, sujeita a alienação e fetichização. Além disso, ressaltou a importância de compreender que o lazer não é um espaço de liberdade absoluta, uma vez que também está sujeito às pressões capitalistas e à lógica de acumulação de lucro.

Finalmente, a discussão sobre o lazer como um direito social destacou a necessidade de reconhecer o lazer como uma dimensão fundamental da vida humana, que vai além do simples entretenimento e tem um papel crucial na promoção do bem-estar e da realização pessoal. Portanto, é importante considerar a garantia legal do lazer como parte integrante das políticas públicas e como um direito que deve ser acessível a todos os cidadãos, independentemente de sua classe social ou status econômico. Essa compreensão mais ampla do lazer como direito é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

### 3. A REGIÃO DE BANGU: ACESSO AO LAZER

Esse capítulo apresenta o bairro de Bangu, bairro de grande extensão territorial. Localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Segundo o IBGE (2010) o bairro de Bangu é um dos bairros mais populosos com 243.125 em uma área de aproximadamente 46 quilômetros quadrados. Faz divisa com Campo Grande, Santíssimo, Senador Camará, Realengo, Padre Miguel e Gericinó, além dos municípios de Nova Iguaçu e Nilópolis. A imagem 1 apresenta a localização do bairro de Bangu no estado do Rio de Janeiro.

**Imagem 1** - Mapa da Zona Oeste do Rio de Janeiro<sup>1</sup>



Fonte: [http://www.institutorio.org.br/sobre\\_a\\_zona\\_oeste](http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste)

#### 3.1 Conhecendo o bairro de Bangu

Segundo o Instituto Rio, a Região Administrativa de Bangu é formada pelos bairros Bangu, Gericinó, Padre Miguel e Senador Camará, e faz parte da Área de Planejamento 5. Localizada na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, a Zona Oeste do Rio de Janeiro é caracterizada como a área de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dentro do

<sup>1</sup> Fonte: Instituto Rio. <Fonte: prefeitura.rio <[http://www.institutorio.org.br/sobre\\_a\\_zona\\_oeste](http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste)>



município, marcado por sendo notável pelas marcantes disparidades sociais e pelas distintas realidades que coexistem.

O município do Rio de Janeiro se estrutura em quatro zonas e 33 Regiões Administrativas, conforme relata no *website* do Instituto Rio: Zona Central, Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste. Além das Regiões Administrativas, a cidade é organizada em áreas de planejamento, sendo que a Zona Oeste é subdividida em AP4 e AP5.

Os bairros que compõem a Zona Oeste abrangem Bangu, Barra de Guaratiba, Barra da Tijuca, Camorim, Campo Grande, Cidade de Deus, Cosmos, Curicica, Deodoro, Freguesia, Gardênia Azul, Gericinó, Grumari, Guaratiba, Inhoaíba, Itanhangá, Jacarepaguá, Joá, Magalhães Bastos, Mallet, Paciência, Padre Miguel, Pedra de Guaratiba, Realengo, Recreio dos Bandeirantes, Santa Cruz, Santíssimo, Senador Camará, Senador Vasconcelos, Sepetiba, Sulacap, Taquara, Vargem Grande, Vargem Pequena, Vila Militar e Vila Valqueire. De acordo com os dados do Censo de População de 2010, essa região abrange as áreas de planejamento AP4 e AP5.

A Zona Oeste é um mar gigante. Um território de distintas paisagens e territórios com altas temperaturas. Possui diferentes perfis e realidades entre seus bairros. A Barra da Tijuca é rica e desenvolvida; já bairros como Bangu, Campo Grande, Realengo e Santa Cruz possuem características mais industriais; Vargem Grande e Guaratiba, a predominância é agrícola e turística.” (Leal, 2022 p.19)

Do lado da Barra da Tijuca, assistimos a uma intensa competição e interesse por parte das imobiliárias na aquisição de terrenos próximos às praias. Enquanto isso, na direção oposta, à medida que se estende para o interior, atravessando o maciço da Pedra Branca e a Serra do Mendanha, observamos o crescimento das favelas, destacando-se como uma área menos valorizada e mais negligenciada (Leitão *apud* Leal, 2022).

De acordo com IBGE 2016, o Rio de Janeiro é o município com o segundo maior produtor Interno Bruto (PIB). Será que o Rio de Janeiro, o segundo município mais rico do país, consegue proporcionar uma melhor qualidade de vida e reduzir a desigualdade em comparação com outros locais? Ao analisar o Produto Interno Bruto (PIB) de 2016 e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mesmo ano, surgem números e perspectivas notavelmente divergentes. Embora o Rio de Janeiro brilhe como o segundo colocado no ranking do PIB entre os municípios do Brasil, ocupa a 45ª posição no IDH.

Essa discrepância ressalta que o desenvolvimento econômico, embora essencial, por si só, não é suficiente para promover o progresso social. Isso se deve, em parte, à forma como a riqueza é mal distribuída, agravando as desigualdades, como destacado pelo *Website MultiRio*(2019). A realidade revelada pelo IDH tem levado várias administrações municipais

e estaduais a buscar novas métricas que possibilitem o planejamento voltado para um desenvolvimento mais sustentável. O Rio de Janeiro optou por adotar o Índice de Progresso Social (IPS) como uma alternativa para medir o progresso da sociedade em direção a metas de bem-estar e qualidade de vida. O IPS-Rio avalia o desempenho de cada uma das 32 Regiões Administrativas do município em três dimensões do progresso social: Necessidades Básicas, Fundamentos do Bem-Estar e Oportunidades. Na escala de zero a 100, o IPS do Rio de Janeiro atinge 60,7, revelando um desempenho mediano que, quando examinado de perto, evidencia as profundas desigualdades dentro da cidade.

A Região Administrativa (RA) de Botafogo, lidera o ranking de progresso social, com um índice de 86,90, mais que o dobro do registrado na RA da Pavuna, cujo desempenho foi o pior no município, com um índice de 41,32. Entre as 32 RAs da cidade, apenas 12 estão acima do IPS médio, compreendendo cerca de 38% da população, com o restante da população tendo que viver com IPS abaixo da média. Os bairros estudados neste trabalho se situam no grupo intermediário daqueles com IPS entre 50 e 59. Os bairros de Bangu (54,73) e Realengo (54,32).

O contínuo levantamento de dados realizado pelo instituto Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, demonstra que o IPS de Bangu decaiu com o tempo, com uma pontuação de 51,84, o município encontra-se na 25ª posição do IPS em 2020, tendo caído três posições em comparação com o IPS de 2018, o qual registrou uma pontuação de 54,34. Na perspectiva de Leal (2022), lamentavelmente, o medo e a escassez parecem dominar o enredo de inúmeras narrativas das periferias. Poderia ser isso um estereótipo, uma narrativa perigosa e unidimensional? Ignorando que esses também são lugares de arte, música, cultura e História? Diversas manifestações de revolta e resiliência que surgem nesses contextos como o carnaval, a celebração considerada a mais alegre e colorida, demonstram os locais muitas vezes designados como "marginais" carregam uma mística de espontaneidade e luta que não se encontra em nenhum outro lugar.

Falarei mais sobre a arte produzida dentro desse território posteriormente, por enquanto vamos a um rápido contexto histórico, de acordo com estudos de D'Onofre e Santos (2016). Para os autores pouco se sabe sobre os povos originários que habitavam a região, sendo assim, a retrospectiva histórica do bairro de Bangu começa com a formação da Fazenda Bangu, que tinha como objetivo a produção de açúcar, álcool, cachaça e rapadura. Essa fazenda, conhecida como Engenho da Serra, desempenhou um papel crucial na economia colonial ao fornecer esses produtos para a África e a Europa, com o trabalho de mão de obra

escravizada sob a gestão de portugueses e seus descendentes. No entanto, quase nada restou desse patrimônio colonial na memória atual de Bangu.

A prosperidade da produção agrícola levou a conflitos pela posse da terra, com a Fazenda Bangu tendo cerca de dez proprietários até o século XX. Notável entre eles foi Dona Ana Francisca, que, a partir de 1798, expandiu suas terras até a região atual de Realengo. Após a sua morte, suas terras foram transferidas para o Barão de Itacuruçá, Manuel Miguel Martins, em 1870.

No final do século XIX, o Rio de Janeiro capital imperial começou a mudar seu modelo econômico com a introdução da indústria têxtil nos arredores do Centro. O Barão de Itacuruçá, no entanto, mostrou pouco interesse nas terras que havia adquirido em Bangu, mais interessado em seus negócios na região da Tijuca. A chegada dos trilhos da Ferrovia D. Pedro II em 1878, que cortava a Fazenda Bangu, e a crescente preocupação com o abastecimento de água na região da Tijuca levaram à posterior construção da fábrica no território. O engenheiro Henrique de Morgan Snell, encarregado do governo imperial, identificou a qualidade ambiental de Bangu, com suas cachoeiras e nascentes, como ideal para a instalação de uma fábrica.

Convencendo um grupo de comerciantes portugueses, Snell adquiriu as terras do Barão de Itacuruçá, incluindo a Fazenda Bangu e outras áreas circundantes. Em 6 de fevereiro de 1889, ainda no período imperial, a Companhia Progresso Industrial do Brasil concluiu a construção da fábrica. Complementando este contexto histórico, Hasenclever, Lopes, Pimentel e Lins (2009) afirmam que a partir do estabelecimento da fábrica, a área rural rapidamente se transformou em um ambiente urbano em constante expansão. Esse processo acelerado de urbanização foi impulsionado pela demanda por trabalhadores na Companhia. Isso também resultou na construção de importantes infraestruturas, como a Estação Ferroviária de Bangu em 1890 e a expansão do ramal ferroviário de Santa Cruz em 1892, além da criação da Paróquia de São Sebastião e Santa Cecília em 1908. Viabilizando um progressivo processo de urbanização.

Bangu cresceu com a vocação e as características de um bairro proletário, onde os primeiros padrões foram os ingleses. Planejado para atender a Companhia Progresso Industrial do Brasil, a Fábrica de Tecidos Bangu, que por muito tempo exportou a marca Bangu para todo o mundo (Prado, 2014).

Com a fábrica em operação e a infraestrutura de apoio, com vilas para os trabalhadores, escolas e unidades de saúde, o paradigma tecnológico mudou e Bangu ganhou os contornos de um bairro operário. Esse paradigma urbano industrial influenciou no

surgimento de fenômenos culturais marcantes para a região. Como o time chamado Bangu Atlético Clube, fruto de uma estratégia de coesão de funcionários e gestores em torno do futebol. Em 1903, o Grupo Carnavalesco “Flor da Lira” nasce, e em 1955, próximo ao Estádio de Moça Bonita, surge a renomada “Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel”, conforme indicado por D’Onofre e Santos (2016). Para os autores, a partir da década de 1970, Bangu enfrentou um processo de "embrutecimento", marcado pelo não cumprimento das promessas de crescimento urbano e emprego. O bairro testemunhou favelização, o surgimento de subempregos até mesmo daqueles ligados ao tráfico. Com a desindustrialização da economia após 1980 e a violência crescente, Bangu transitou para um paradigma econômico baseado em serviços.

Esse paradigma econômico baseado em serviços atualmente engloba os bairros de Padre Miguel e Realengo, fruto de uma divisão originária de Bangu. Mantendo relações econômicas e sociais intensas. Intensas e interdependentes o suficiente para esse conjunto de porção espacial compreendida por Bangu, Padre Miguel e Realengo apresentar uma dinâmica comercial expressiva na Zona Oeste carioca, um comércio interligado que leva a população a circular frequentemente por entre esses bairros (Oliveira, 2013). Assim, é natural que uma pesquisa social feita no bairro, englobe também menções a esses dois bairros circundantes, devido à intensa interdependência e circulação entre eles.

### **3.2 Espaços de lazer**

O surgimento da fábrica impulsionou uma reorganização na vida cultural do bairro de Bangu, marcada pela criação de espaços de cultura como Sociedade Musical Progresso Bangu, o Casino Bangu com apresentações musicais dos operários, a introdução do futebol pelos trabalhadores ingleses resultando na formação do Bangu Athletic Club, além da emergência de blocos carnavalescos como Flor de Lira e Flor da União (Leal, 2022).

Conforme afirma Oliveira (2013) também houve nas proximidades o surgimento do Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, tem uma força extraordinária e histórica, que com sua marca cultural atrai desfilantes e curiosos, não apenas do próprio bairro como também do Rio de Janeiro e do Brasil.

Bangu hoje apresenta uma gama de serviços culturais e recreativos como, por exemplo, cinema, teatro, casas de show e eventos, clubes, estádio de futebol, restaurantes, pizzarias, bares, entre outros. Um expressivo comércio de rua, um *Shopping Center* (Centro

Planejado) chamado de Bangu Shopping, Bangu Atlético Clube, o Estádio Proletário Guilherme da Silveira, Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel e a Praça Nova Jales, conhecida como Praça da Guilherme.

Os locais de lazer mais frequentados pelos jovens são aqueles de baixo custo, como passeios em parque e *Shoppings*, ida a casas de conhecidos, comparecimento a missas e cultos religiosos e saídas para bares com amigos.<sup>2</sup>

Mesmo com esses espaços voltados para o lazer, um lazer mais voltado para o consumo e o comércio local, pode-se notar uma falta de locais de atividades de cultura e lazer, locais onde se presencia, vive e faz arte.

A ausência desse espaço dedicado ao entretenimento e à cultura é notória, levando à ocupação de praças, ruas e quadras como alternativa. Através de coletivos que promovem saraus de poesia, rodas culturais e feiras, ocupando espaço antes ociosos (Vanni e Hartmann, 2020).

Não se pode dizer que essa falta não é sentida pela juventude de Bangu. Pelo contrário, é tão sentida que ela sentiu necessidade de se auto-organizar em coletivos de arte e cultura para ocupar esses espaços ociosos. Um exemplo disso é o Artrash que ocupou diversos desses espaços e o Espaço cultural Viaduto de Realengo que existe desde 2013, logo depois da demolição do antigo centro cultural que ficava próximo, justamente para a construção do viaduto e atua como um espaço possível para a realização de encontros, oficinas, cineclubes e eventos.<sup>3</sup>

Apesar de esforços consideráveis para criação de mais espaços específicos de lazer e cultura na região por parte do poder público com a criação do espaço cultural Arlindo Cruz, localizado na Rua Marechal Joaquim Inácio, embaixo do viaduto de Realengo, inaugurado no dia 3 de maio de 2014, em substituição ao antigo centro cultural da região, demolido em 2011, para a construção do novo viaduto sobre a linha férrea, no Campo de Marte (Valle, 2016).

Os acontecimentos culturais representam produtos significativos da atividade social, requerendo uma compreensão das condições históricas de produção, reprodução e transformação. Esses eventos estão intrinsecamente ligados ao domínio político, envolvendo as relações entre grupos e segmentos sociais. Portanto, a análise das expressões culturais deve identificar as restrições que dificultam sua efetiva articulação. (Arantes, 1981).

É notável que os espaços e eventos dedicados a essas atividades estão predominantemente concentrados nas áreas central e sul da cidade do Rio. Dos 128 museus

---

<sup>2</sup> Fonte: revistapontocom <<https://planetapontocom.org.br/revista/materias/qual-e-o-lazer-dos-jovens.>>

<sup>3</sup> Fonte: Viadutoderealengo <<https://www.viadutoderealengo.com/>>

públicos e privados registrados na rede, 88 estão situados na zona sul e no centro do Rio, enquanto apenas 40 estão localizados em outras partes do município, representando menos de 32% do total. O cenário piora se levarmos em consideração somente as instituições públicas: das 75, só 17 não estão nas duas regiões de planejamento, ou seja, 22,6% (Garcia e Rabello, 2019).

Na visão de Vanni e Hartmann (2020), é evidente a privação sofrida pelos trabalhadores e por extensão suas famílias na hora de usufruir das infraestruturas de cultura e lazer oferecidas na cidade do Rio de Janeiro, devido à centralização de parques, museus e eventos principalmente nas áreas central e sul da cidade e a falta de mobilidade urbana no Rio de Janeiro limita severamente o acesso à cultura e ao lazer devido.

A precariedade da mobilidade urbana no Rio de Janeiro é evidente, com transportes públicos defasados, trânsito caótico e falta de planejamento nas cidades. A desigualdade social reflete-se no sistema de transporte público, onde a classe trabalhadora enfrenta obstáculos como baldeações, diferenças na qualidade dos ônibus e longos tempos de espera, limitando seu acesso às infraestruturas culturais e de lazer oferecidas na cidade.

A média de tempo gasto pelos usuários de transporte público na região metropolitana do Rio de Janeiro para chegar ao destino é de aproximadamente 67 minutos. Essa estimativa refere-se exclusivamente às viagens dentro da cidade do Rio, não incluindo deslocamentos entre municípios. Além disso, cerca de metade dos passageiros realiza duas baldeações durante a viagem, enquanto 15% realizam três ou mais trocas. Antes de embarcar em ônibus, trens, metrô e barcas, os passageiros cariocas aguardam em média 17 minutos.

Desde a era dos bondes até os dias de hoje, com os ônibus, a política geralmente atende aos interesses de uma elite no Rio. Ele destaca que a cidade é percebida como excludente devido aos interesses dessa classe, que está mais envolvida nos *lobbies* privados das empresas de transporte do que nos interesses dos cidadãos comuns, levando a uma falta de políticas públicas, ou de políticas que levam à segregação social.

Os museus e locais dedicados ao lazer e cultura desempenham um papel fundamental na formação de um ideal nacional. Durante o período da Ditadura Militar, essas construções foram amplamente influenciadas, focalizando principalmente no Centro e na Zona Sul devido à sua natureza mais elitizada. Isso reflete o entendimento de que esses espaços também são simbólicas de poder (Garcia; Rabello, 2020).

### 3.3 Cultura popular como ato político e resistência

A cultura é formada por signos e símbolos intrinsecamente ligados à ação social, cujo significado é moldado pela interação em contextos específicos na sociedade, possuindo uma existência coletiva, suscetíveis a manipulação, refletindo diversas concepções e interesses contraditórios dentro de uma mesma cultura. (Arantes, 1981). Na cultura podemos enxergar os valores de dominação assim como os de resistência. Primordialmente, fazer cultura é intervir na organização da vida pública (Leal, 2022).

Na visão de Arantes (1981), eventos culturais são expressões significativas da atividade social, cujas condições históricas de produção, reprodução e transformação demandam compreensão. Esses eventos entrelaçam-se com o cenário político, abrangendo as relações entre grupos e segmentos sociais. Dada a inexistência independente da cultura em relação à produção material da sociedade, compreender como a sociedade absorve, processa e transforma essa "ilusão necessária" é crucial. Isso implica restaurar a multiplicidade, a diversidade e o específico que constituem o cerne tensional de sua existência real.

O termo "Cultura Popular" engloba uma vasta variedade de interpretações, abarcando uma ampla gama de concepções e perspectivas que se estendem desde a negação explícita ou implícita de qualquer forma de "conhecimento" nos eventos que ele identifica até a atribuição de um papel de resistência contra a dominação de classe. Para Santos (1987), sendo sempre pensada em relação à cultura erudita, à alta cultura, a qual é de perto associada tanto no passado como no presente às classes dominantes, sendo transferida para a dimensão da cultura a oposição entre os interesses das classes sociais na vida da sociedade.

Ao abordar o estudo da cultura popular, surgem desafios, sendo o primeiro a dificuldade em definir exatamente o que constitui cultura popular. Sendo ausente de instituições e núcleos de sistematização e especialmente porque as expressões culturais nas classes oprimidas não são homogêneas, então a abordagem comumente adotada é baseada em classificações que têm significado na cultura dominante.

Isso pode levar à busca pelo "mais popular do popular", procurando identificar na cultura elementos que sejam autenticamente populares, intocados e verdadeiramente originais, representando o caráter revolucionário do saber popular em seu estado mais puro. Sendo que o que devemos reter dessa discussão, como as concepções de cultura e o conteúdo cultural estiveram constantemente entrelaçados com as dinâmicas das relações entre as classes sociais. Além de que, as linhas que separam e polarizam a cultura popular da erudita são mais

borradas do que se imaginam, uma vez que o conteúdo que pertence a um ou outro pólo mudou ao longo da história.

O estudo da cultura é uma preocupação contemporânea para entender os caminhos que conduziram os grupos humanos e as relações atuais. O desenvolvimento humano é marcado por conflitos e diferentes formas de se relacionar, organizar a vida social e se apropriar e transformar os recursos naturais. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e a cultura que eles expressam. Também há a necessidade de relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes e grupos que a constituem, mesmo que esses grupos façam parte de uma mesma sociedade.

Até o século XVII, a distinção entre a cultura popular e a cultura de elite era nebulosa, uma vez que a nobreza participava de crenças religiosas, superstições e jogos das camadas subalternas. Contudo, um distanciamento gradual se estabeleceu, levando à repressão da cultura popular pela elite, especialmente devido a fatores políticos na Europa. Nesse período, surge uma crescente preocupação das autoridades em relação a práticas que desencadeiam protestos e tumultos, como o carnaval e outras manifestações populares. A população passa a integrar o cenário do debate moderno, sendo utilizada para legitimar a hegemonia burguesa ao mesmo tempo é percebida como inculta. Esse período marca o início do desencantamento do mundo, no qual os valores de universalidade, racionalidade e a cultura burguesa moderna começam a sobrepujar a cultura popular tradicional (Catenacci,2001).

De volta para a visão de Santos (1987), a partir de uma ideia de refinamento pessoal, a cultura se transformou na descrição das formas de conhecimento dominantes nos Estados nacionais europeus após a Idade Média. Inicialmente, essas preocupações culturais estavam centradas no conhecimento erudito, acessíveis apenas às classes dominantes. Esse conhecimento erudito se contrapunha ao conhecimento da maior parte da população, um conhecimento que se supunha ser inferior, atrasado, superado. Com o tempo, o conhecimento popular passou a ser reconhecido como uma forma de cultura, a cultura popular. As preocupações com a cultura popular visam classificar as formas de pensamento e ação dos mais pobres, buscando compreender sua lógica interna, dinâmica e política. A origem antiga dessas preocupações continua a influenciar e a cultura popular é sempre pensada em relação à cultura erudita associada historicamente às classes dominantes.

No século XIX, durante o apogeu da modernização capitalista, emergiu o termo "folclore". Nessa época, a fé na ciência, na organização social racional e disciplinada, e no progresso tecnológico era dominante no pensamento, as mudanças sociais significativas abrangiam o aumento das cidades em detrimento das áreas rurais. Diante dessas



transformações, surge a indagação acerca do papel da tradição em um contexto impregnado pela transitoriedade e impessoalidade da modernidade. Esse dilema foi confrontado por intelectuais europeus e brasileiros que deram início aos estudos sobre o folclore no final do século XIX (Catenacci, 2001).

Nesse mesmo século surge uma série de estudos que buscaram estabelecer uma hierarquia nas culturas humanas, desenvolvendo uma perspectiva fortemente criticada. Conforme essa visão, a humanidade seria submetida a estágios de evolução social, desde uma fase primitiva até atingir a civilização europeia. Dessa forma, a diversidade de sociedades era interpretada como representante de diferentes estágios na evolução humana. Essa concepção, caracterizada por uma perspectiva eurocêntrica, foi utilizada como justificativa para a colonização e dominação, sendo considerada ingênua e associada ao preconceito e à discriminação raciais (Santos, 1987).

No Brasil, a investigação da origem e das características das manifestações folclóricas era considerada crucial para afirmar a identidade nacional. Isso implicou na necessidade de estabelecer contato com as classes subalternas, vistas como testemunhas e guardiãs da tradição, mas também consideradas simples e não educadas. Os estudiosos acreditavam que essas expressões folclóricas, principalmente presentes em áreas rurais, estavam em perigo devido ao processo de modernização no Brasil. Os pesquisadores ficavam divididos entre a urgência de preservar o passado cultural e o desejo de deixá-lo para trás. Ao caracterizar a cultura popular dessa maneira, estabeleceu-se uma correlação entre o conhecimento do povo e a ideia de atraso (Catenacci, 2001).

Até hoje diversos escritores concebem a cultura popular como equivalente ao "folclore", um conjunto de objetos, práticas e concepções tradicionais. Essa perspectiva é profundamente arraigada e exerce impacto frequente em obras didáticas, museus e iniciativas oficiais relacionadas à arte e cultura (Arantes, 1981).

Na transição dos anos 50 para os 60 no Brasil, a intensa agitação política e cultural, centrada em temas como nacionalismo, democratização, modernização e valorização do povo, impactou profundamente as manifestações artísticas. O Centro Popular de Cultura (CPC) surgiu em 1961 como resposta a esse contexto político-ideológico, visando abordar questões por meio da arte (Catenacci, 2001).

O movimento buscava uma concepção de cultura popular diretamente ligada à participação popular, mas uma participação voltada para a revolução e transformação da sociedade. Diferenciando-se do folclore, o CPC rompeu a associação entre folclore e cultura popular, definindo esta última como um instrumento exclusivo de transformação. A arte

popular revolucionária do CPC surge da essência do povo, experimentada pelo artista ao confrontar a realidade social da classe desfavorecida. O CPC exemplifica um movimento de politização da arte, identificado como cultura popular, e serviu como base para um projeto político revolucionário (Catenacci, 2001).

### **3.4 Movimentos comunitários e coletivos de Bangu**

O termo “coletivos” usado acima é da forma mais ampla e larga do termo, vaga em sua definição, uma forma de nominar aqui as diferentes organizações sociais e de lazer que vieram a ter em Bangu, não da mesma forma que o termo “coletivo” que será utilizado mais a frente para denominar organizações de jovens que decidiram ocupar a rua. Aqui se refere às diversas organizações sociais e de lazer em Bangu, abrangendo desde grupos históricos até organizações contemporâneas sem fins lucrativos.

Como dito anteriormente o surgimento da fábrica modificou o bairro para além de sua paisagem levando ao surgimento de grupos e clubes historicamente importantes para a região. Antes mesmo da inauguração da Fábrica foi fundada em 1892 a Sociedade Musical Progresso de Bangu por iniciativa dos operários. Mais tarde, em 1907, foi fundado o Cassino Bangu como sede do grupo. O Espaço era utilizado como ponto de lazer dos operários, onde realizavam-se bailes, apresentações musicais e teatrais. No mesmo ano foi criado o sindicato dos trabalhadores de tecido, da União dos Operários em Fábricas de tecido (Freire, 2008).<sup>4</sup>

Ainda utilizando aqui da pesquisa realizada por D’Onofre e Santos (2016) para explicar melhor a influência da fábrica, a interação entre a Companhia Progresso Industrial do Brasil e o Reino Unido foi para além da paisagem arquitetônica relacionada à estrutura fabril, pois o "esporte bretão" fez sua entrada marcante em Bangu por meio de um operário escocês de nome Thomas Donohoe, carinhosamente chamado de Seu Danau pelos banguenses. É considerado por eles, o verdadeiro pioneiro na introdução do futebol no Brasil. Aquela que foi a primeira partida de futebol em solo brasileiro também teria repercussão: o surgimento do já mencionado anteriormente, o time de futebol chamado Bangu Atlético Clube, fundado em 1904.

O campo oficial inicial da equipe situava-se nas proximidades da ferrovia, ao lado da fábrica, na antiga Rua Ferrer, atualmente conhecida como Avenida Cônego de Vasconcelos.

---

<sup>4</sup> Fonte: diariodorio <<https://diariodorio.com/histria-de-bangu>>

Esse local testemunhou a consolidação da prática do futebol no subúrbio do Rio de Janeiro. Dado que o bairro de Bangu cresceu em conformidade com padrões britânicos, os trabalhadores desempenharam um papel crucial. Vale destacar que, após a Lei Áurea, uma considerável parcela da mão de obra empregada na construção da fábrica era composta por indivíduos negros.

Outro fenômeno cultural originado do paradigma urbano industrial em Bangu é a sua relação com o Carnaval. Em 1903, o Grupo Carnavalesco Flor da Lira surgiu como um dos pioneiros no subúrbio carioca. As manifestações culturais desses grupos assemelham-se aos ranchos carnavalescos, uma adaptação festiva de influências lusas e da África ocidental. No ano seguinte, o Grupo Carnavalesco Flor da União emergiu, composto exclusivamente por membros negros.

Porém somente na década de 1950 é que a região entraria para o mapa do samba. Próximo à área do Estádio de Moça Bonita, o bairro de Padre Miguel testemunhou o surgimento do Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, em 10 de novembro de 1955. Conhecida como a verde e branca da Zona Oeste, a Mocidade apenas desfilou no grupo especial do Carnaval do Rio de Janeiro em 1958. Desde o início, a ambiciosa agremiação, a mais renomada da região, obteve a quinta colocação no ano seguinte, ficando atrás apenas das agremiações que tradicionalmente lideram os desfiles.

Se os ritmos de umbanda e candomblé inspiram as inovações no samba produzido na região, a fé católica também deixa sua marca. A Capela de São Sebastião e Santa Cecília foi inaugurada em 1908, apresentando um estilo neogótico inglês, com vitrais e arcos apontados em seu interior, além de uma torre sineira encimada por uma cúpula piramidal. A igreja, agora centenária, destaca-se pelos tijolos que seguem o estilo das construções fabris, adotando as cores vermelho e branco. O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) tombou essa marcante paisagem religiosa banguense em 1990.

Além das transformações vivenciadas por Bangu no âmbito esportivo e cultural, o bairro também escreveu seu nome na história da moda nacional. Sob a iniciativa de Maria Cândida de Sousa Silveira, nasce a ideia de realizar um desfile de moda com propósitos beneficentes. Candinha Silveira, como era conhecida, junto com outras mulheres da alta sociedade fluminense, institucionalizou um evento em que desfilaram com trajes confeccionados a partir dos tecidos da Fábrica de Tecidos Bangu, no Copacabana Palace Hotel, em 1951. Essa estratégia inédita no Brasil, que combinava filantropia e divulgação da produção têxtil banguense, culminaria no Miss Elegante Bangu.

Hoje existem diversas ONGs, entidades privadas da sociedade civil, sem fins lucrativos, criadas para defender e promover uma determinada causa, geralmente para suprir demandas não atendidas de modo satisfatório pelo governo e contam com pessoas engajadas em questões socialmente relevantes, organizadas para transformar seu entorno.

Existem sete ONGs de Bangu listadas no ONGS Brasil, a ação Cristã Vicente Moretti que praticam ações integradas de reabilitação, ambulatório médico e serviços sociais de apoio à saúde; A Associação dos amigos deficientes físicos do Rio de Janeiro que também pratica ações de reabilitação; Daniel Clínica Médico Odontológica Ltda que presta serviços odontológicos, Brasil Esperança na área sócio educativo e etc.<sup>5</sup>

A análise da dinâmica socioeconômica e cultural do bairro de Bangu revela uma complexa interconexão entre fatores históricos, econômicos e sociais que moldaram sua evolução ao longo do tempo. A expansão urbana impulsionada pela industrialização trouxe mudanças significativas, transformando Bangu de uma área rural em constante expansão para um bairro operário, marcado pela presença da Fábrica de Tecidos Bangu.

A disparidade social na Zona Oeste do Rio de Janeiro, evidenciada pelo contraste entre bairros como Barra da Tijuca e Bangu, destaca as profundas desigualdades existentes na cidade. A análise do Índice de Progresso Social (IPS) revela não apenas a diversidade de realidades dentro da Zona Oeste, mas também aponta para a necessidade de métricas mais abrangentes que considerem não apenas o desenvolvimento econômico, mas também o progresso social.

A cultura popular em Bangu, permeada por manifestações como o carnaval e movimentos culturais contemporâneos, destaca a resiliência e a criatividade da comunidade diante dos desafios. No entanto, a carência de espaços culturais e de lazer, aliada à precariedade na mobilidade urbana, evidencia as dificuldades enfrentadas pela população para acessar infraestruturas culturais. A luta por espaços de expressão e resistência, como os coletivos de arte e cultura, mostra a vitalidade e a necessidade de uma cultura que transcenda as barreiras sociais e contribua para uma compreensão mais holística da sociedade local.

---

<sup>5</sup>Fonte: ONGsBrasil: <https://www.ongsbrasil.com.br/default.asp?Pag=1&Destino=Instituicoes&Estado=RJ&Cidade=Rio%20de%20Janeiro&Bairro=Bangu>

## 4. JUVENTUDES EM MOVIMENTO

### 4.1 Revisitando Conceitos

Esse capítulo é focado em juventudes, começando pelo seu conceito. Aqui me utilizarei dos conceitos e temas apresentados pelo livro organizado pela Secretaria Nacional de Juventude (2014). Primeiramente, quando pensamos em juventude somos levados a pensar na puberdade e nas etapas de mudança fisiologia do indivíduo, embora essas mudanças sejam universais na espécie humana, é um erro associar diretamente essas mudanças biológicas a um comportamento coletivo. A juventude é uma categoria social, não uma simples característica natural dos indivíduos, construída social e historicamente. As diferentes etapas da vida estão ligadas ao desenvolvimento biofísico das pessoas. No entanto, simultaneamente, as expectativas e significados atribuídos a cada fase são moldados por diversidades culturais e diferentes experiências.

Na modernidade, a juventude é muitas vezes uma categoria social, derivada da interpretação sociocultural do significado da puberdade, este sim, um fenômeno natural e comum, podendo ter pouca importância dependendo da sociedade em que ocorre essa “passagem para a vida adulta”. O contexto histórico desempenha um papel fundamental na definição de uma geração, junto de outros fatores como a posição de classe e outros mecanismos que reproduzem desigualdades sociais. Isso significa que as trajetórias individuais dos jovens de uma mesma geração são repletas de diversas realidades vivenciadas por eles, gerada tanto em um senso comum de pertencimento geracional, juventude no singular, quanto em diferentes formas de diferenciação social entre os jovens, juventudes no plural.

Essa visão é corroborada por Groppo (2016) que defende que a própria definição de “faixas etárias” é ela mesma uma construção social das sociedades modernas que buscam por meio das ciências, do Direito e do Estado definir um critério universal de categorização das idades da vida.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social [...]. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. Na verdade, outras faixas etárias construídas modernamente poderiam ser definidas assim, como a infância, a Terceira Idade e a própria idade adulta. Tratam-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas (Groppo, 2000a, p. 7-8).

Por isso o do termo aqui utilizado e pelos autores é “juventudes”, no plural, pois é entendido que “jovem” é na realidade, uma categoria múltipla e diversa e que existem mais do que uma única juventude numa mesma sociedade. Existem armadilhas ao considerarmos a juventude como um grupo com interesses uniformes, ao adotar essa abordagem, corre-se o risco de negligenciar as profundas diferenças e desigualdades que caracterizam as diversas formas de vivenciar esse período (Brasil, 2014).

Essa perspectiva se alinha com o entendimento de Esteves e Abramovay (2007) da existência de inúmeros e diversos grupos juvenis, cada um com suas características particulares e específicas, influenciados por uma gama de culturas. Portanto, não se pode afirmar a existência de uma cultura juvenil única, um bloco monolítico e homogêneo, mas sim culturas juvenis que apresentam pontos de convergência e divergência. Manifestando pensamentos e ações comuns, porém, também e frequentemente, completamente contraditórias entre si. Isso ocorre porque se experimenta a condição juvenil de formas variadas, devido às diferenças sociais e a parâmetros concretos como dinheiro, educação, trabalho, local de moradia, tempo livre, entre outros. Portanto, a definição da categoria juventude não pode, em hipótese alguma, ser uniforme para todos os que estão incluídos nela.

Reconhecer a existência de diversas culturas juvenis, originadas a partir de distintos interesses e inserções na sociedade, como situação socioeconômica, oportunidades e capital cultural, amplia a compreensão da juventude para além de um bloco único, no qual a idade seria o fator predominante. Nessa perspectiva, torna-se cada vez mais comum o uso do termo "juventudes" no plural, não com o intuito de abarcar todas as especificidades, mas sim para destacar a vasta gama de possibilidades presente nessa categoria.<sup>6</sup>

De volta ao livro organizado pela Secretaria Nacional de Juventude, nele se afirma que para além de um número etário a visão na visão da sociedade ocidental moderna, a fase da juventude é frequentemente associada a um período de "moratória social", que representa a transição entre a infância e a vida adulta. Durante essa etapa, os jovens se preparam para ingressar no mundo do trabalho e estabelecer uma nova família, a ideia de "moratória social" implica em conceder aos indivíduos um tempo adicional antes de assumirem plenamente as responsabilidades da vida adulta, permitindo-lhes vivenciar experiências, experimentações, buscar formação educacional e adquirir treinamento.

---

<sup>6</sup> Por entender que a juventude é uma categoria ampla, diversa e dinâmica, destaco que este estudo aborda uma parcela específica dessa população na região de Bangu, uma área urbana e periférica do Rio de Janeiro. Portanto, trata-se de um grupo de jovens de classe popular. Os frequentadores não representam a juventude total, nem da cidade ou do bairro, porém ainda são uma parcela significativa com uma vivência própria e ativa que merece ser focalizada.

Nesse período, são determinadas as possibilidades e impossibilidades de inserção na vida produtiva e social, bem como o desenvolvimento de projetos pessoais e sociais, é neste estágio da vida que as identidades são construídas e estratégias de autonomia e emancipação são delineadas.

Ainda de acordo com a Secretaria Nacional de Juventude, os jovens de hoje, como habitantes de um mundo em constante transformação, encontram desafios e incertezas específicas de seu tempo. Na juventude, tornam-se evidentes as desigualdades econômicas, disparidades regionais, preconceitos e discriminações, com base em gênero, raça-etnia, orientação sexual, religião, etc. que distanciam os jovens de diferentes classes e grupos sociais. Portanto, no contexto histórico atual, a juventude é extremamente diversa e impactada de diferentes formas, por suas diferentes vivências.

Ao mesmo tempo que têm experimentado uma expansão no consumo simbólico, mas enfrentado restrições no consumo material. Apesar do acesso à educação formal, mídia e mundo virtual, enfrentam dificuldades no mercado de trabalho e têm lacunas entre expectativas e realizações. A democratização da imagem coexiste com a desigualdade de renda. Embora aspirem à autodeterminação, enfrentam situações de precariedade e desmobilização devido à dificuldade de inserção no mercado de trabalho e à falta de redes de apoio, não constituem um sujeito específico de direitos e estão estigmatizados como potenciais ameaças para a ordem social.

A posição da juventude é ambígua, situando-se entre receptores de políticas e agentes de mudança. Enquanto décadas atrás os jovens se viam como protagonistas nas grandes transformações sociais, hoje são frequentemente retratados como objeto de políticas sociais. Externamente, são descritos como "carentes" ou "vulneráveis", mas internamente, através do consumo cultural e da comunicação, estão moldando novas identidades. A juventude está tensionada entre a dependência institucional e a aspiração à participação autônoma. (Brasil, 2014).

Grosso (2016) descreve isso como a dialética da juventude, um estado de contradição entre as instituições e a dinâmica interna das coletividades juvenis e sua relação com a sociedade. Ao se criar uma "realidade" social em que indivíduos com idades semelhantes vivem próximos, convivem ou no caso do mercado de consumo, pensam e se comportam de modo semelhante, mesmo distantes. Pode-se gerar nessa convivência forçada a possibilidade destes indivíduos criarem identidades, comportamentos e grupos próprios e alternativos às versões oficiais e institucionais.

## 4.2 Espaços de lazer juvenil: Um retrato da desigualdade

O mundo da cultura desempenha um papel importante na busca de identidade para os jovens, porém é no âmbito do lazer, no tempo livre, que as práticas culturais se apresentam e essa busca se materializa nas mais diversas facetas. Tais práticas se relacionam às preferências e gostos das juventudes. (Martins; Souza, 2007).

Groppa (2016) descreveu como historicamente o jovem parece buscar seu lazer nas ruas e no ar livre e encontrar resistência das instituições, que hora criticam, hora cooptam a juventude em prol dos próprios interesses. Na segunda metade do século XX, num processo que teve os Estados Unidos como precursor, as sociedades modernas criaram o mercado de consumo juvenil e assim, o jovem passou a encontrar seu prazer também no consumo.

É necessário entender que há um caráter dialético nas relações entre lazer e juventude, explicado pela própria natureza contraditória destas duas categorias socioculturais. O lazer por um lado ostenta um potencial emancipatório, hedonista e desinteressado, por outro lado, um caráter coercitivo, como espaço e tempo em que se é obrigado a adotar o espírito consumista. Assim a relação entre lazer e juventude moderna é complexa, pois a juventude é entendida como o período entre a infância e a maturidade, momento entre o não trabalho e o trabalho.

Então, no sentido mais estrito e tradicional de “lazer” os jovens não poderiam vivenciá-lo plenamente, como busca do prazer pessoal após o cumprimento das obrigações produtivas, o tempo livre do não-trabalho, mas pode-se olhar para esta questão de outro ângulo e se pensar no tempo livre como um período longe obrigações sociais. Desse ponto de vista o tempo de lazer dos jovens é adquirido após o cumprimento das obrigações sociais incumbidas a eles.

Algumas pesquisas e dados informam onde e como os jovens passam a maior parte desse tempo livre e quais suas atividades preferidas entre as já realizadas ou não realizadas, pois existem atividades que jovens querem, mas são impedidos de realizar devido às condições materiais de seu entorno.

Segundo Brenner et al., (2008) foi examinado o acesso dos jovens brasileiros a atividades culturais e esportivas, oferecidas tanto pelo poder público quanto por ONGs. No que diz respeito a projetos culturais, 88% dos jovens relataram nunca ter participado de algum deles, aumentando para 94% entre os jovens rurais. Dos 11% que participaram de projetos culturais, 6% o fizeram recentemente e 4% há mais tempo.



Uma das atividades culturais mais comuns é ir ao cinema com 61% dos jovens participando, mas 39% nunca assistiram a um filme no cinema. Se encontram dados sintomáticos da precarização da democratização da cultura no Brasil: 62% nunca foram ao teatro, chegando a 83% entre jovens rurais. 92% nunca foram a um concerto de música clássica, mesmo a frequência em show de música "popular" é inferior a 50%, apenas 25% foram a show de fotografia. A pesquisa revelou que mais educação e renda resultam em maior acesso a atividades culturais.

Foi perguntado a atividade de tempo livre que mais gostam de realizar entre aquelas que costumam fazer, revelou que as atividades preferidas dos jovens não coincidem com as mais realizadas, na verdade, elas aparecem com os menores índices de realização, indicando uma lacuna entre a vontade e a realidade.

Em média, apenas 4,5% dos jovens realizam atividades culturais, enquanto 40% expressam o desejo de fazê-las. Entre as atividades preferidas, viajar é a mais citada, seguida por festas com amigos e dança. Isso demonstra como as escolhas estão condicionadas por circunstâncias materiais para se tornarem práticas concretas e integradas à vida do jovem, indo além de seus desejos (Martins; Souza,2007).

Ainda de acordo com Brenner et al. (2008), a falta de dinheiro é o principal obstáculo para realizar seus desejos (41%), com diferenças notáveis na educação. A falta de tempo (44%) é um obstáculo mais comum para jovens com nível superior. Proibição dos pais é o terceiro motivo mencionado. Os dados destacam a necessidade de políticas públicas que considerem as diversas formas de lazer e produção cultural dos jovens brasileiros.

Essa perspectiva aparentemente se manteve, em pesquisas mais recentes, como a realizada pela Secretaria-Geral da República em 2014, são aquelas que não envolvem custos. Entre eles, passeios por parques e praças (61%), passeios em shoppings (40%), idas a festas em casas de conhecidos (55%) e comparecimento a missas e cultos religiosos (54%).

O acesso a atividades culturais continua desigual: 84% afirmam nunca ter ido a um concerto de música clássica, 65% jamais foram ao teatro e 59% nunca estiveram em uma biblioteca fora da escola.

Mesmo uma atividade considerada trivial como ir ao cinema, uma das atividades mais comuns das atividades culturais, onde ocorre maior disparidade entre os jovens, variando conforme o fator econômico. Na pesquisa 49% dos mais pobres já foram a uma sala de cinema, índice que sobe entre a classe média para 78% e entre os mais ricos vai para 93% (revistapontocom, 2014).

Dados mais recentes demonstram um aumento nas atividades *online*, onde 54% dos jovens entre 18 e 24 anos afirmam que a atividade mais frequente em momentos de lazer é navegar na *internet*. Seguido de ouvir música (53%) e assistir a seriados (51%) (Esbrasil, 2019).

As escolhas dos jovens frequentemente dependem de condições materiais para se tornarem práticas reais em suas vidas, indo além de simples desejos. Além disso, os gostos são influenciados pelo ambiente social e cultural do jovem, não sendo puramente individuais e livres de influências externas, como as condições sociais e econômicas. Embora o lazer seja geralmente considerado um direito relacionado ao tempo livre, é crucial destacar que, dependendo das relações sociais e das condições materiais, pode se tornar um privilégio para alguns. Essas diferenças podem ser analisadas através de diversos recortes, como raça, classe social e local de residência. (Martins; Souza,2007).

### **4.3 Coletivos de juventudes**

Foram muito os grupos informais de lazer e contestação da juventude ao longo da História, logo na primeira metade do século XIX emerge em Paris a “Boêmia”, os jovens boêmios, por meio de uma vivência intensa, entusiasmo, idealista e ativa, influenciados por movimentos revolucionários, românticos e até socialistas, promovem uma ocupação distinta dos espaços públicos ou tradicionais de convívio social. O mais marcante deles, pode ter sido o movimento *hippie* que inicialmente foi principalmente uma maneira diferente de ocupar e reutilizar o espaço urbano, estabelecendo verdadeiros territórios livres para a produção cultural e a experimentação comportamental.

Atualmente há movimentos juvenis distintos do passado, mas que ainda se preocupam em ocupar espaços e contestar a sociedade e a política através da arte. Segundo Oliveira (2007), as culturas juvenis contemporâneas têm relação especial tanto com seus próprios corpos, quanto com a cidade. Compreender as relações dos jovens com a cidade através de grafites, modificações corporais, dança, música e festa implica explorar o âmbito cultural das práticas cotidianas, experiências compartilhadas, sensibilidade estética, pertencimentos, construções identitárias e o universo simbólico. Observar as práticas diárias e convivência de diferentes grupos juvenis proporciona uma perspectiva única da cidade, destacando as formas de expressão e resistência dos jovens. O imaginário, as apropriações simbólicas e as relações

estéticas revelam sujeitos ativos que redefinem a cidade, reinterpretam formas e conteúdos, expressando-se através de seus corpos e atitudes.

Muitos dos coletivos estão organizados por jovens, ainda de acordo com o autor, são organizações abertas dotadas de formas horizontais de trabalho que contém grupos, organizações e redes. Envolvem artistas independentes e jovens que entendem que o trabalho conjunto é a melhor estratégia para viabilização de projetos.

Certamente a militância em coletivos culturais possui grande importância para os jovens atravessados pelo racismo, pobreza e violência nesses territórios, pois através dessa mobilização essas pessoas iniciam discussões públicas relativas à violência, questionando os falsos limites entre o legal e o ilegal na periferia. (...) Quando as massas estão em movimento, refletindo sobre a vida, os costumes e gerando novas atividades, essa prática evidencia uma consciência potencialmente crítica em relação à ideologia da modernidade, do capitalismo e da alienação (Leal, 2022 p.46-47).

Vamos explorar alguns dos coletivos vivos que atuam na ocupação dos espaços físicos e simbólicos, A maioria dos coletivos a seguir são realmente da Zona Oeste e fazem uma diferença significativa na região.

Começando pelo espaço cultural viaduto de Realengo, no qual é interessante pensarmos por ser um espaço público ocupado depois da demolição do antigo centro cultural, justamente para a construção do referido viaduto.

De acordo com Santos (2023), em 2011 o antigo centro cultural, o Espaço Cultural Jorge Ben Jor foi demolido para dar lugar à construção de um segundo viaduto no mesmo local. Esse viaduto visava conectar os dois lados da estação de trem do bairro, buscando aliviar o tráfego de veículos no viaduto existente, que operava em ambas as direções. Desprovido de iluminação pública e estabelecimentos comerciais, o trecho sob o Viaduto de Realengo se tornou perigoso e propenso a assaltos.

Essa demolição foi uma perda de um dos principais equipamentos culturais da região, que se encontravam sem um local de lazer. Nesse contexto, em 2013, o coletivo Original Black Sound System ocupa o espaço ocioso abaixo do Viaduto. Ocupar esse espaço em específico para realização de eventos culturais foi uma escolha dos organizadores de ressignificar um espaço estigmatizado como violento, insalubre e perigoso. A imagem 2 apresenta uma das fotos tiradas pelo coletivo Artrash no Espaço cultural Viaduto de Realengo, durante um de seus eventos.

**Imagem 2 - Espaço Cultural Viaduto de Realengo**



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Localizado entre as ruas Bernardo de Vasconcelos e Marechal Soares de Andreia, o E. C. O espaço tornou-se uma referência e vem abrindo portas para novos talentos através do grafite, música, dança e articulações com diversos outros coletivos. Tal projeto já se consolidou como uma importante arena de discussão sobre os problemas e potencialidades da região, sendo reconhecido pela Prefeitura como Ação Local em 2015.

Em 2018, o espaço recebeu o prêmio "Influenciadores Sociais Contra o Racismo", da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) do Rio e teve a rua onde se localiza reconhecida oficialmente via projeto de lei 728/2018 como rua Walter Fraga. Em 2020 o E. C. O Viaduto de Realengo é contemplado em dois editais da Lei Aldir Blanc de Auxílio Emergencial a Cultura e recebe, em 2021, a medalha de Ordem do Mérito Cultural Carioca junto de diversos outros coletivos culturais da cidade.<sup>7</sup>

Outra organização espontânea importante a ser mencionada é Coletivo Zona Oeste Ativa. De acordo com Leal (2022) em 2015 o coletivo iniciou sua luta visando discutir a cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na Zona Oeste. O formato envolvia convidar pessoas destacadas em temas socioeconômicos para iniciar a reflexão, seguido por um espaço aberto ao microfone para a participação do público.

---

<sup>7</sup> fonte: ViadutoRealengo <<https://www.viadutoderealengo.com/>>

Em novembro de 2017, o coletivo ZOA apostou em uma festa em comemoração ao mês da consciência negra, uma afirmação cultural afro-brasileira e apesar de seguir a burocracia exigida para realizar de forma legal o evento, foram abordados por uma viatura da polícia, episódios de interrompimento dos eventos estavam se tornando recorrentes na praça da Guilherme. O que deveria ser uma abordagem de rotina se transformou em episódio de humilhação quando um dos policiais confiscou o documento chamado “Nada Opor” de autorização, algemaram um dos organizadores e o desfilaram na praça para que todos vissem, de modo que humilhasse a produção.

Uma advogada que fazia parte da produção orientou todo o processo e fez com que ele fosse logo liberado da delegacia, porém isso não muda que um evento artístico com intenção de debate foi duramente reprimido de forma autoritária pelo poder público, com a desculpa de impedir uso de drogas. A justificativa para legitimar a violência contra esses eventos culturais da periferia é frequentemente dizer que as pessoas estão usando drogas durante as festas, enquanto em outros territórios, principalmente se for central, o uso de drogas passa despercebido pelas autoridades.

Certos de que precisavam resistir a essa tentativa de aniquilação da cultura local, alinharam seu propósito com um coletivo de festa, chamado ARTrash e com um coletivo de DJ's, Studio2, que naquele contexto estavam ativos e produzindo cultura e arte. Assim sendo, no dia 20 de janeiro de 2018, de 17h da tarde até as 3h da manhã, aconteceu o festival produzido em conjunto, o Festival Juntey: Z.O Resiste. Anunciado através do Facebook e obteve uma resposta impressionante de 1,8 mil pessoas, com 961 confirmadas. Na descrição do evento, contou que haviam sido atacados diretamente por quem deveria protegê-los, porém estavam ali para dizer e mostrar que são seres de direitos e querem vivenciá-los, pois ocupar o espaço público com lazer, arte e cultura é um direito de todos e todas. Para que isso acontecesse da melhor forma, foram atrás e conseguiram do suporte de parlamentares progressistas da Assembleia Legislativa, Câmara Municipal do Rio de Janeiro, além das autorizações que a lei exigia para produzir uma festa em praça pública. Então, foi produzida uma festa de programação orgânica e diversa, com grafite ao vivo, roda de conversa, DJs comandando a pista, exposições de arte, brechós, exibição de curta-metragem.

Aqui podemos ver a colaboração de três coletivos para um evento de resistência contra um episódio vexatório e as constantes abordagens de “rotina”. Essa união e colaboração entre as diferentes organizações é um dos fatores que permite a intervenção no território.

Para entender melhor as ações de coletivos da Zona Oeste do Rio de Janeiro, vale resgatar o estudo de Souza (2020), onde, dos quatro coletivos juvenis de promoção das artes

estudados por ela, três eram da Zona Oeste. Sendo um deles o já citado Espaço Cultural Viaduto de Realengo, portanto vamos aos outros.

O Ponto de Cultura Lata Doida, localizado em também em Realengo, em uma casa suburbana, chama a atenção pela preocupação com a sustentabilidade, reciclando materiais para a produção de instrumentos musicais a partir de sucatas. O ponto oferece aulas de música, pesquisa etnomusical e prática em conjunto, resultando na formação de uma banda que se apresenta regularmente e gravou um CD chamado "Experimental Funk Lata Doida". Além disso, atua como ponto de coleta de óleo, produz sabonetes e desinfetantes naturais, e mantém um bazar. Gerenciado por uma família engajada, o ponto de cultura não apenas promove a conscientização sobre o lixo na comunidade, mas também lidera campanhas de revitalização de espaços públicos usados como depósito de lixo. A banda participa ativamente de eventos locais, sendo uma influência significativa na cena musical e na estrutura de som em eventos de rua na Zona Oeste, fornecendo esse equipamento a outros coletivos.

O Sarau do Calango, realizado na praça da Capelinha, faz uso da praça e reúne artistas do bairro que tenham interesse em mostrar sua arte. Acontece toda primeira quarta-feira do mês e recebe aqueles que queiram fazer uso do microfone aberto para cantar ou recitar poesia, além dos artistas já previamente agendados.

O Festival de Música e Cultura de Bangu. Um grande festival de rua que mobiliza artistas locais, acontece com edições específicas, sempre temáticas e com uma programação. O Festival já foi contemplado por um edital da prefeitura, no final de 2014 e início de 2015, apesar desse reconhecimento, precisam usar de medidas alternativas para custear a realização do evento, sem qualquer financiamento do poder público.

Todos esses coletivos têm em comum a produção de eventos de lazer na Zona Oeste, um local distante do Centro da cidade e de seus museus. Promover nessa região um evento no espaço público, especialmente no campo da arte e cultura, surge da necessidade dos residentes locais de apresentar seus trabalhos artísticos, uma vez que não dispõem de um local dedicado para isso na região. Ao se verem como produtores e promotores de cultura, quando decidem realizar eventos artísticos em sua própria área. Essa percepção transforma esses grupos em agentes ativos, capazes de interferir na ordem social ao identificarem injustiças e buscarem transformá-las, ressignificando os espaços usados e desalienando territórios em que vivem. Representa uma desalienação em relação ao ambiente circundante.

Este capítulo destaca a complexidade da noção de juventude, indo além das mudanças biológicas para enfatizar sua natureza social e histórica. A diversidade de experiências entre os jovens, influenciada por fatores como classe social, contexto histórico e oportunidades,

desafia a ideia de uma cultura juvenil única. Ressalta o risco de generalização, alertando contra a simplificação dos interesses e desafios dos jovens, que variam amplamente devido a condições sociais e econômicas discrepantes. Além disso, a discussão sobre o lazer e as atividades culturais destaca a desigualdade no acesso a essas experiências, revelando disparidades econômicas que moldam as escolhas e vivências dos jovens.

Diante dessas reflexões, percebemos que a juventude contemporânea enfrenta desafios específicos em um mundo em constante transformação. A ambiguidade de sua posição, entre receptores de políticas e agentes de mudança, destaca a necessidade de uma compreensão mais ampla e sensível das diversas realidades vivenciadas pelos jovens. A resistência e a atuação de coletivos culturais na Zona Oeste do Rio de Janeiro exemplificam como os jovens, ao reivindicarem espaços e promover eventos culturais, se tornam agentes ativos na transformação de suas realidades, buscando desalienar territórios e afirmar suas identidades de forma positiva.

## 5. ARTRASH: TRANSFORMANDO LAZER E CULTURA EM BANGU

O “Artrash”, um coletivo formado por jovens da Zona Oeste, foi responsável por organizar edições de um evento de mesmo nome onde ocuparam o espaço público com arte e música, tendo a participação de artistas locais para se apresentarem e exibirem as suas artes, reunindo parte da juventude local. Evento feito de jovens para jovens, com o objetivo promover o crescimento da produção independente de arte, moda, música e audiovisual nos arredores de Bangu, tudo isso seguido de festa, o que é celebração. As edições duraram pelo menos de 2016 até 2022, com momentos marcantes ao longo dos anos, unindo pessoas de diversos estilos e vivências locais. A imagem 3 apresenta uma pichação identificando o movimento, poste com o nome do evento.

**Imagem 3 - Artrash - Pichação em poste com nome do evento.**



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Foi organizado por quatro jovens da Zona Oeste, Rômulo Carvalho, Dominique Eiras, Isabella Silva e Miguel Pereira, ocorrendo nos mais diversos espaços possíveis dentro da Zona Oeste, se locomovendo por entre os bairros de Padre Miguel, Bangu e Realengo. Os locais mencionados segundo a página do Facebook como tendo alguma edição do Artrash



foram: O bar Old Skate Shop, Praça da Guilherme, Espaço Cultural Viaduto de Realengo e Espaço Cultural Arlindo Cruz, todos espaços fisicamente próximos uns dos outros.

Na página do Artrash no Facebook, utilizada por eles para divulgação, tem em um de seus primeiros posts um chamado para artistas locais para participar e entrar em contato com a página. Na imagem 4, o *post* virtual utilizado na página do Artrash para chamar artistas locais a participarem do evento.

#### Imagem 4 - Folder virtual na página do Artrash



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Segundo a página do Artrash houve as seguintes edições documentadas: Para aquecer os ânimos, em 21 de outubro de 2016, houve uma “pré-Artrash” na “Old Skate Shop”, na Rua Coronel Tamarindo, ao lado da estação de trem Guilherme da Silveira, em frente a praça de mesmo nome. Ao acontecer próximo a uma estação de trem, facilita o acesso do público. O evento contou com música, exposição de arte, bebidas acessíveis e o brechó “Artelixo” para expor e vender as peças, era um aperitivo do que estava por vir. Abaixo, a imagem 5 é de uma foto tirada durante esse pré-Artrash, nela podemos ver os frequentadores em frente ao local.

### Imagem 5 - Pré- Artrash



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Na publicação fixada da aba discussão do evento, um aviso de que estariam recolhendo doações para as escolas ocupadas na época, seguido por uma lista dos itens necessários para os alunos ocupantes que continha artigos de higiene e alimentos como: detergentes, água sanitária, papel higiênico, papel toalha, macarrão, molho de tomate, pão, óleo, arroz e etc.

Amigos, amanhã estaremos recolhendo doações para as escolas ocupadas mais próximas e contamos com a ajuda de vcs! Abaixo temos a lista dos itens que os ocupantes estão precisando. PAZ. (Artrash, 2016)

A preocupação de recolher alimentos e artigos de higiene para os alunos que ocupavam escolas contra a PEC do teto que traria cortes na área da educação, demonstra uma preocupação política, ao intervirem em recolherem e entregarem esses artigos, eles ajudam a ocupação a durar mais, saem de meros expectadores e se tornam interventores do processo.

Segundo a página, a próxima edição do Artrash ocorreu em 12 de novembro de 2016 na Rua Sul América 751, Padre Miguel próximo à praça da Guilherme e estação de trem. Esse evento durou impressionantes 8 horas e 30 minutos, e a mensagem era clara: a Zona Oeste é um polo de arte. A Artrash buscava apoiar a produção independente de arte, moda, música e

audiovisual, um evento cultural que culminou em uma festa. Havia três avisos: um aviso proibindo drogas ilícitas; outro sobre ter que pagar a entrada do evento de novo caso saísse e voltasse; o último sobre não levar bebidas de fora. O valor da entrada não está especificado e é mencionado a necessidade de cobrir os gastos do próprio evento em si. A imagem 6 apresenta uma arte livre para o público interagir, um manequim coberto de *post-its* com um recado acima “deixe sua marca”, são mensagens escritas pelos próprios frequentadores, uma chance do público se expressar e interagir de forma sensorial com arte do local, se envolver com a arte é um passo além de apenas observá-la, você se torna sujeito que produz, como o recado diz, deixa sua marca.

**Imagem 6 - Manequim coberto de post-its**



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Segundo o post o evento em especial contou com as seguintes atividades, conforme sintetizadas no quadro 1:

**Quadro 1 - Atividades Evento Artrash**

Evento Artrash	
Atividades	Expositores
Brechó Artelixo	indefinido

Desfile da ROSA NO PRETO	indefinido
Exposição fotográfica	Drokari e Dominique Eiras
Exposição de desenhos	Amanda Oliveira, Raphael Albuquerque, Julie Gama, Ana Beatriz Ferraz, Felipe Albuquerque Giovana Previlliato
Performance	Caicke Baruel
Exposição de pintura	Leticia Dantas e Gabriel Salles
Exposição conjunta de texto e pintura	Victória Dias e Luiz Henrique
Monólogo interpretado	Anthony Gama
Apresentação musical	Christian Queiroz, Willian Kevin, Rômulo Azevedo, West Crew, Reticências, Anne Corte e João
Exposição de zine e poesia	Alice Santiago
Venda de livros	Clara Moraes
Cobertura fotográfica	Igor Soares
Premiere do vídeo de skate feminino "BRITNEY'S HELL TRIP	indefinido
concurso de Lap Dance	indefinido

Fonte: elaborado pela pesquisadora

E um aviso de que começaram primeiro com as exposições para em seguida ter apresentações musicais, desfile e então uma festa com muito *beat* porque “Dança também é manifestação artística e forma de resistência!”. Durante a exposição, que iria até as 22h, a entrada era gratuita e depois cinco reais. Junto de outro aviso de que não seria tolerado nenhum tipo de discriminação, sujeito a ser retirado do evento (Artrash, 2016).

Ressalta-se com veemência que nenhum tipo de discriminação seria tolerado, com a advertência de que infratores seriam prontamente removidos do evento. O lema 'Respeita as

mina, as mona, as bi, as trava e as sapa!' ecoava como um lembrete da diversidade acolhida no ambiente e que preconceitos não seriam tolerados, criando um espaço aberto no local para os mais diversos jovens, incluindo jovens LGBTQIA+ que poderiam se expressar sem temer algum tipo de represália ou violência. Este conjunto de diretrizes reflete o compromisso em manter viva a efervescência artística do sururu, destacando o caráter do coletivo, como mais do que um simples movimento de lazer. Ele se revela como uma expressão carregada de significado, simbolismo e posicionamento político, aberto a todos os que desejam participar. A imagem 7 é a fotografia de algumas das atividades que ocorreram no dia.

### Imagem 7- Atividades edição do Artrash



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Nem todas as produções foram tão elaboradas quanto essa contendo tantos tipos de artes diferentes, porém mesmo quando se “resumia” a uma festa, ainda era uma manifestação cultural e expressão corporal de uma juventude periférica, própria de seu tempo, singularidades e existências.

Em 16 de novembro de 2016, fizeram um *post* promovendo “o Sarau no Bosque”, um evento realizado pelos alunos do CPII, dentro do colégio Pedro Segundo em Realengo durante a ocupação. Foi realizada uma parceria entre eles para a cobertura fotográfica de dois fotógrafos: Drokari e Isabela Silva. A parceria é facilmente compreendida, pois o propósito do evento era também de fomentar artistas autônomos e introduzir uma ampla variedade de

expressões artísticas tanto no movimento de ocupação quanto na Zona Oeste. No *post*, a seguinte mensagem: “Artrash fecha com as ocupações. Artrash diz não à PEC do Teto e por isso, Artrash apóia o Sarau no Bosque que estará acontecendo dia 14 na ocupação do Pedro II - Realengo! Cola aqui!” (Artrash, 2016).

Se antes eles se posicionaram com uma atitude contra a PEC ao recolherem alimento e artigos de higiene para as ocupações, agora eles se posicionam diretamente na página e contribuem mais uma vez, através da cobertura fotográfica, em um evento que dialoga diretamente com a causa que eles promovem. No dia 11 de fevereiro de 2017 ocorreu um pré-Artrash na praça da Guilherme com o intuito de arrecadar dinheiro para o próximo evento que tinha como meta, ser uma incrível feira cultural. Em 15 de abril de 2017, ocorreu o evento prometido, também na Praça da Guilherme. Aqui o Artrash iniciou uma temporada de celebração e ocupação, enfatizando a importância da resistência cultural e da manifestação artística em meio a adversidades.

te olharam torto? cochicharam? assediaram? encheram seu saco? PEDRADA neles!!!!!!!!!!!!!! A ARTRASH PRODUÇÕES abre mais uma temporada de celebração e ocupação dos espaços com todas as nossas culturas e raízes ancestrais. É hora de ação direta, precisamos reagir! É hora de porrada, de pedra, asfalto, de arma. E a arma é o CORPO, a arma é a FALA, a arma é o CLOSE, a MECZADA. Manda o bonde colar em peso, na melhor forma, manifestação artística através da música e do passin, como a gente gosta! favelados, pretos, indígenas, emos, funkeiros, maconheiros, padezeiros e seres livres de todos os becos, praças, morros, e asfalto, uni-vos! Viemos pro confronto e dessa vez quem vai dizer que aqui não é o nosso lugar?! PEDRADA neles! (Artrash, 2017).

O movimento Artrash evidenciou uma perspectiva ampliada da arte, destacando que esta não se limita apenas à expressão visual e musical em exposição, mas transcende, revelando-se como uma força libertadora, vendo a ocupação dos espaços pelo movimento político que ele é, vendo a expressão artística do corpo como arma. A mensagem acima foi retirada da descrição do evento e demonstra uma consciência social por parte dos organizadores e a sua preocupação com a inclusão e sua necessidade de se posicionarem como jovens típicos da periferia e os chamando para a união numa “paródia”, não no sentido pejorativo do termo, da célebre frase “trabalhadores do mundo uni-vos” e considerando que os jovens das periferias são os futuros trabalhadores, pertencentes a essa classe antes mesmo de ingressar no mundo trabalho, tal paródia, parece apropriada. A imagem 8 é uma foto retirada desse evento, demonstrando a lotação do local, como ele era amplamente frequentado e o “rosto” da juventude que o frequentou.



### Imagem 8 - Evento na praça da Guilherme em 2017



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Em 2 de setembro de 2017, na Praça da Guilherme, a Artrash uniu forças com outros coletivos da Zona Oeste, como Bang e Studio2, para criar o JunTey, um evento que buscava quebrar barreiras e trazer o melhor do entretenimento para Bangu. Era um grito de resistência contra as ações do Prefeito da época, Marcelo Crivella e um chamado para a união, com a seguinte mensagem:

Bispo Crivella não gosta de festa, governa o Rio, odeia a cidade, odeia a rua hoje o Prefeito arrasta todo tipo de manifestação cultural e ataca as minorias, amanhã a Rua sobrevive de forma criativa reinventando subvertendo reconhecendo que o problema de um é problema de todo mundo ou vai ou racha (Artrash, 2017).

A mensagem acima, revela não temerem se posicionar diretamente contra um político com falas abertamente preconceituosas e sua resistência à onda conservadora e de ataques a minorias que assolava o poder público naquele momento se daria através da arte.

A resistência continuou em novembro e dezembro, embaixo do viaduto de Realengo, depois de em setembro ter um de seus eventos de ocupação da praça interrompido pela polícia. A rua foi tomada por expressões culturais diversas, a Pedrada estava de volta, reafirmando que a praça e a rua pertencem a todos, o Espaço Cultural Viaduto de Realengo foi

palco de manifestações artísticas que celebravam as culturas e raízes ancestrais. A Pedrada, como era chamada, envolvia música, dança, *hip-hop*, *rap*, ferver e fritação, gíria para fluxo excessivo de pensamento. Manifestação artística através da música e do passin. Com apresentações de dança de The Royal Beat Dance, Devil's, Mariana Maciel e Victor Gama. E Line up de Drokari, Apollo c, Anderson, Ariel Barbosa, Jow , Emitê e Dj Elias. A Imagem 9 é de uma das apresentações de dança que ocorreram no dia

A rua é nossa! Pedrada, é corpo, é resistência, 150bpm, hip hop, rap, fritação, ferver! Manifestação artística através da música e do passin! Em setembro, a Artrash teve um evento de ocupação da praça e resistência cultural interrompido pela polícia. No último sábado, a polícia interrompeu um evento que celebrava a ancestralidade negra e prendeu um de seus organizadores. Hoje o Prefeito arrasta todo tipo de manifestação cultural e ataca as minorias. A Pedrada vem pra mostrar que a praça é nossa, a rua é nossa e cabe a nós seguir resistindo! Vocês já mostraram que nem a chuva é capaz de parar a frytação, então vem que dia 16 de dezembro o culto é na rua, bebê! (16 de Dezembro de 2017, Artrash).

### Imagem 9 - Apresentação de dança



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

No evento que ocorreu em 20 de janeiro de 2018 em conjunto do Studio2 e Zona Oeste Ativa na Praça Guilherme da Silveira, em Bangu, intitulado “*Festival JunTey: ZO Resiste*”, o coletivo Artrash demonstrou em conjunto desses outros coletivos, determinação em enfrentar desafios e promover a cultura da Zona Oeste. Sob o lema “*Voltamos. Dessa vez pra calar! Ocupar e resistir*”. Eles destacaram a importância do lazer e da manifestação artística, depois de alguns eventos terem sido alvo de interrupções e repressões anteriores por parte das autoridades.



O coletivo enfatizou que tinham direito a ocupar o espaço público com arte e lazer, e que isso era mais do que um direito, era uma necessidade para a Zona Oeste. Para garantir o sucesso do evento, contavam com o suporte de parlamentares da Assembleia Legislativa do RJ e da Câmara Municipal do RJ, bem como com todas as autorizações necessárias.

A mensagem principal era clara: a Zona Oeste era um lugar de música, dança, grafite, arte e potência, e a festa estava de volta à Praça Guilherme da Silveira. Eles convocaram a comunidade a participar e anunciaram a presença de Orlando Zaccone, delegado de Polícia Civil do RJ, doutor em Ciência Política e membro do grupo Policiais Antifascistas e Renato Cinco, Renato Cinco, sociólogo e vereador (estava no segundo mandato) na cidade do RJ pelo Psol. Personalidades comprometidas com a legalização da maconha, que participaram de um debate sobre a guerra às drogas após a exibição do curta-metragem “O Olho do Cão”.

O evento teve, como já mencionado, a exibição do curta-metragem “O olho do cão” de Samuel Lobo; seguido de uma roda de conversa sobre guerra às drogas, exposição de artes com FORMAS e xilogravura; pintura ao vivo de Grafite e Brechós. Apresentação de dança de Over Beat Dance e Devil's. E Line up com Viktor Martin (Studio2), Arthur Rought Art (conception), Denzel, Emitê, Dinah Honorato e Drokari (Residente ARTRASH). Cobertura fotográfica de Thiago de Melo e Aline Fonseca. A imagem 10 é a fotografia da roda de conversa resultante da exibição do curta metragem e palestra.

#### **Imagem 10 - Roda de Conversa**



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

No dia 07 de abril de 2018, saem da praça da Guilherme e vão para o Espaço cultural Arlindo Cruz, Rua Marechal Joaquim Inácio em Realengo, na Zona Oeste, RJ. Fisicamente próximo ao bairro de Bangu, onde se deu as edições anteriores. Esse espaço cultural é próximo à estação de trem e ao lado do Espaço Cultural Viaduto de Realengo, embaixo do viaduto, onde ocorreram edições passadas do Artrash. Abaixo no Quadro 2, a lista de atividades e expositores presentes no evento.

### Quadro 2 - Atividades e expositores presentes no evento

Artrash Experience: Arte + Festa	
Atividades	Expositores
Apresentação musical	Camila ZASOUL, 292, Lauro Moreno, SFLOW, Marcellly Garcia
Exposição de desenhos e pinturas	Leo Gualter, Simba, Brielts e Raphael Albuquerque
Exposição fotográfica	Amichavy e Uine Monteiro
Performance de dança	B1D, OVER BEAT DANCE,
Line Up	DJ MrzN, Asafe Malafaia, DJ ELIAS, Drokari, Donaisa, Viktor Martin, BILLID8G, Anderson Cruz e Andy Fill
Cobertura fotográfica	Amanda Melo

Fonte: elaborado pela pesquisadora

É relevante destacar que, diferentemente de edições anteriores que ocorreram na praça da Guilherme, a entrada para esse evento não foi gratuita, uma possível consequência da alteração do local. Os valores dos ingressos foram estabelecidos da seguinte forma: Os antecipados *online* R\$10: Ingresso individual, que inclui copo, acesso à fila VIP e adesivos. Para aquisição antecipada, foi disponibilizado o *link*: <https://www.sympla.com.br/artrash-xperience--arte--festa>. Na Bilheteria: R\$10 das 18h às 20h, R\$15 das 20h às 23h e R\$20 a partir das 23h, para aqueles que tinham seus nomes previamente listados.

Essa mudança gerou algumas dúvidas nos frequentadores, que podem ser vistas na aba de discussão do evento, desde onde fica o local até como fazer para entrar com ingresso *online* e de como colocar o nome na tal lista. Essas dúvidas foram esclarecidas num *post* fixado na própria aba comunidade, para ter seu nome na lista era só colocar seu nome no mural do evento. Então apesar de listas e ingressos serem um caráter excludente, pode-se ver que o evento manteve seu caráter acessível, com preço baixo e local de fácil acesso, tanto por se manterem em um local próximo às edições anteriores quanto do prédio em si ser próximo a estação de trem.

Em virtude da exposição de arte programada para o evento, houve a necessidade de estabelecer um limite de público no novo local, algo que pelo que pude observar olhando as edições documentadas *online*, não ocorreu antes. Sendo recomendado que adquirirem seus ingressos com antecedência. A imagem 11 é a apresentação fotográfica de algumas das atividades e artes presentes no dia do evento.

#### Imagem 11- Artes expostas no evento

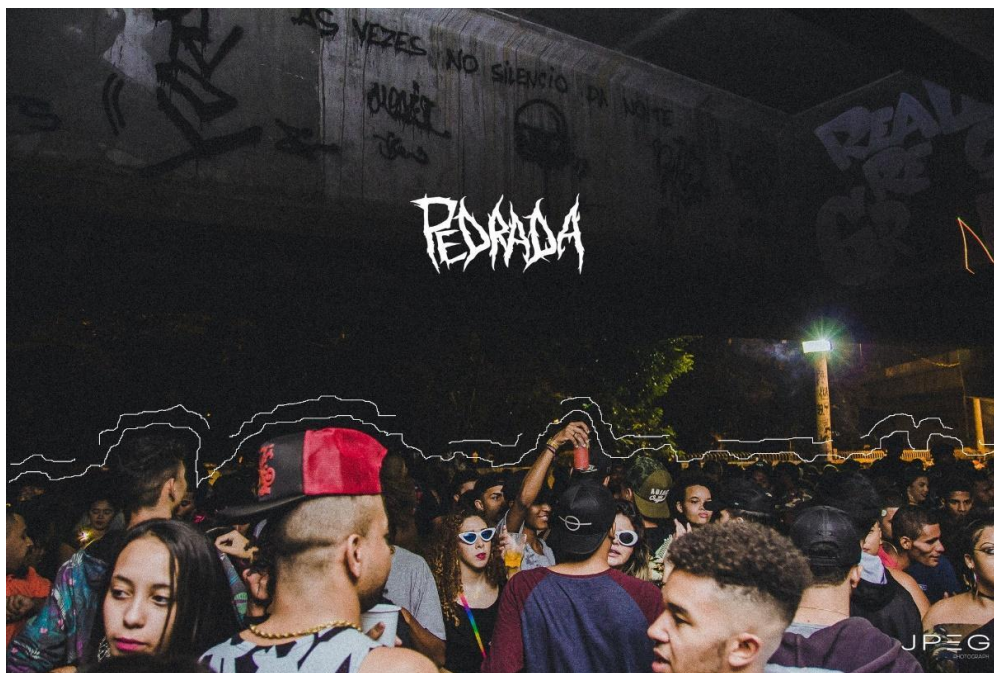


Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Em 16 de Junho de 2018 a Pedrada volta à cena, dessa vez no Espaço Cultural Viaduto de Realengo e assim como nos eventos anteriores esse não estabeleceu nenhum preço de entrada e nem limite de participantes, apenas um pedido que consumissem no bar do local

para ajudar a cena ao em vez de levar as próprias bebidas. Um pedido comum das edições anteriores. A imagem 12 é a fotografia do público que frequentou o evento “a pedrada”.

**Imagem 12- Frequentadores da Pedrada**



fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Em 01 de Dezembro de 2018, o Artrash sai da rua e vai para a porta ao lado, no Espaço Cultural Arlindo Cruz. Eles criaram seu último evento daquele ano e assim a bilheteria também voltou, reforçando minha ideia de que tem haver com o espaço, saindo pelo valor de 5\$ 17h às 21h, 10\$ 21h às 04h, com nome no mural. No Quadro 3, a lista de atividades e expositores.

**Quadro 3 - Atividades e expositores em 2018**

Artrash: Arte + Festa	
Atividades	Expositores
exposição de pinturas	Bastardo, Paulo Moura, Dayana Dionisio, Gio Previliatto, ElaporSi, Guilherme Kid, Felipe Coutinho, Luc Santo, Simba, Brielt's
exposição de desenhos e ilustrações digitais	Raphael Albuquerque, Ykaro Brayam, Feijão Mágico



Apresentação musical	Sflow, Marcellly Garcia e Camila Zasoul
vídeo com narrativa visual	Dianna da Costa
exposição fotográfica	Drokari, LaMinna
Exposição das marcas Stockage e DonatellaGang;	indefnido
venda e exposição do brechó a/braba Brechó e Garimpatu	indefinido
cobertura fotográfica	Amanda Melo.
Line Up	CHAPAFENTY, DJ ELIAS, Asafe Malafaia, Drokari, Andy Fill, DANIBOY24, DJ LINDINHO e CARLINE.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

A imagem 13 apresenta atividades e artes presentes no espaço do evento no Espaço Cultural Arlindo Cruz.

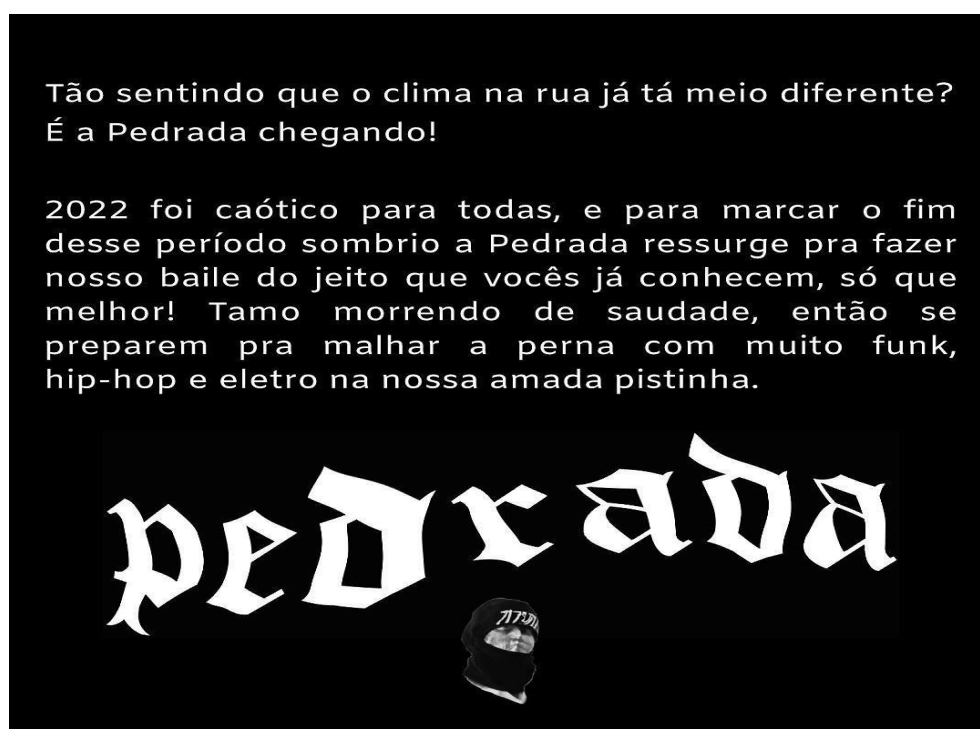
### Imagem 13-Atividades e artes



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Houve uma longa pausa que durou de 2019 a 2022, os motivos não foram explicados na página do Facebook usada por eles ou em qualquer outra mídia. Voltando em dezembro de 2022, um evento programado para o Centro Cultural Arlindo Cruz teve sua data alterada, mas o coletivo Artrash se desculpou e ofereceu ingressos gratuitos como forma de compensação, mantendo seu compromisso de proporcionar experiências culturais únicas à comunidade da Zona Oeste. A imagem 14 é da divulgação do post utilizado por eles para divulgar a volta das edições no ano de 2022, sendo o último até o momento.

#### Imagem 14 - Post de divulgação



Fonte: <https://www.facebook.com/ARTRASHZO>

Pode-se analisar alguma inconstância tanto nos locais, não se mantendo num local fixo, quanto nos artistas e a necessidade de se pagar ou não pela entrada no evento, algo natural quando se pensa em um evento completamente autônomo e independente que depende da iniciativa de seus organizadores e artistas independentes locais dispostos a participar, tendo uma parceria ocasional com algum ou outro coletivo, iniciativa ou estabelecimento do bairro.

Esses eventos organizados pelo coletivo Artrash são mais do que simples festas; são manifestações de resistência, celebrações da cultura local e um grito de que a Zona Oeste é um lugar rico em expressão artística e cultural. A cada edição, eles continuam a inspirar e unir a comunidade em torno da arte e da criatividade.

O coletivo Artrash, formado por jovens da Zona Oeste, destacou-se ao longo dos anos como um agente transformador do cenário cultural local. Ao organizar eventos que iam além de simples festas, o Artrash promoveu a expressão artística independente, reunindo artistas locais, músicos, estilistas e outros talentos em uma celebração única. Desde 2016 até 2022, suas edições marcaram a Zona Oeste, ocupando espaços como praças, bares e espaços culturais, evidenciando o compromisso em descentralizar a cultura na cidade.

A trajetória do Artrash não se limitou apenas a manifestações artísticas, mas também demonstrou engajamento político e social. A iniciativa de arrecadar doações para escolas ocupadas durante protestos contra a PEC do teto ressaltou a consciência política do coletivo. Além disso, o Artrash se posicionou contra ações governamentais e promoveu eventos em parceria com outros coletivos, como o JunTey, resistindo às adversidades e reafirmando a importância da cultura e da resistência na Zona Oeste.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, explorei o movimento comunitário artístico "Atrash" como um fenômeno significativo que emergiu na zona oeste carioca, especificamente nos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo e busquei compreender como esse grupo se tornou um importante agente na promoção de lazer e cultura para a juventude da região.

O mundo da cultura desempenha um papel crucial na busca de identidade para os jovens, sendo no contexto do lazer e do tempo livre que as práticas culturais se manifestam em suas mais diversas formas. Pesquisas indicam desigualdades no acesso a atividades culturais, com obstáculos financeiros e de tempo. As preferências dos jovens muitas vezes não coincidem com as atividades realizadas, destacando lacunas entre vontade e realidade. A falta de dinheiro é o principal obstáculo, evidenciando a necessidade de políticas públicas inclusivas. Esta pesquisa também apontou desigualdades no acesso a atividades culturais, com o consumo online aumentando entre os jovens.

O consumo da cultura de massa muitas vezes segue essa lógica, onde as experiências de lazer são moldadas e comercializadas para atender aos interesses capitalistas. A análise marxista indicou que o lazer, assim como outros aspectos da vida, foi transformado em mercadoria, sujeito à alienação e fetichização. A mercantilização do lazer é uma expressão do fetichismo da mercadoria, onde as experiências de lazer são transformadas em produtos, excluindo parcelas significativas da sociedade do acesso a essas experiências. A alienação do trabalhador no sistema capitalista é um fenômeno multidimensional, afetando não apenas o trabalho, mas também o tempo livre.

É importante considerar o lazer não apenas como uma esfera isolada da vida, mas como parte integrante das relações sociais moldadas pelo sistema capitalista, ressaltando as críticas marxistas como uma ferramenta analítica crucial para compreender as contradições e desafios presentes nesse fenômeno. É importante reconhecer o lazer como um direito social, indo além do entretenimento comercializado, e destaca a necessidade de políticas que garantam o acesso equitativo a experiências culturais significativas.

A análise da dinâmica socioeconômica e cultural de Bangu, um bairro constituído historicamente como um bairro operário, revelou a carência de espaços culturais e de lazer, demonstrando a desigualdade existente dentro do território do Rio de Janeiro, destacando a resistência dos jovens diante das dificuldades enfrentadas. Em um contexto em que o lazer é frequentemente consumido pela lógica capitalista, transformando-se em mais um produto



sujeito à alienação e fetichização, movimentos como o "Artrash" surgem como uma resposta política de resistência.

A mobilização espontânea dos jovens em coletivos, como o "Artrash", é de grande importância como um ato político. Isso porque esses coletivos representam uma forma de resistência e expressão contra as desigualdades sociais e econômicas presentes na região de Bangu. Ao se organizarem, os jovens buscam criar espaços de expressão cultural, promovendo não apenas o lazer, mas também uma conscientização política por meio da resistência cultural. Os eventos promovidos pelo coletivo não são apenas festas; são manifestações de resistência, celebrações da cultura local e um grito de que a Zona Oeste é um lugar rico em expressão artística e cultural. O "Artrash" se destaca como um exemplo de auto-organização e resistência, refletindo a vitalidade e a necessidade da arte, cultura e lazer.

A importância de compreender os coletivos juvenis que atuam na produção cultural em Bangu tornou-se evidente, pois esses grupos representam formas autênticas de expressão e resistência ao status quo. Eles proporcionam um espaço alternativo à cultura dominante, destacando a diversidade e a criatividade da comunidade local. Além disso, ao se posicionarem contra discriminações e promover a inclusão, o "Artrash" se torna uma expressão ativa de resistência contra normas sociais opressoras proporcionando um contraponto à falta de acesso a eventos culturais mais tradicionais. A resistência, neste contexto, está na capacidade dos jovens de reivindicar espaços, promover eventos culturais e afirmar suas identidades de maneira positiva.

A resistência do "Artrash" é impulsionada por sua abordagem inclusiva, pela promoção da diversidade, pela ocupação de espaços públicos e pela conscientização política. A ênfase na liberdade de expressão, o compromisso com a igualdade e a resistência a pressões discriminatórias são elementos-chave que contribuem para a natureza política dele. Foi visto que o "Artrash" emprega estratégias para proporcionar lazer e cultura para a juventude com a organização de eventos culturais itinerantes, a parceria com outros coletivos, a promoção da produção independente de arte, moda, música e audiovisual, estratégias que visam não apenas proporcionar lazer, mas também fortalecer a cena cultural local que destacam não apenas a dimensão cultural, mas também o engajamento político e social do coletivo. A arrecadação de doações para escolas ocupadas durante protestos evidenciou uma consciência política, transformando o "Artrash" em mais do que um movimento cultural local, mas em um símbolo de resistência, inclusão e expressão artística na comunidade da Zona Oeste.

Compreender os coletivos juvenis, como o "Artrash", foi crucial para uma compreensão mais profunda da vida dos jovens na periferia. Esses coletivos não apenas

oferecem lazer, mas também representam formas de resistência, expressão cultural e conscientização política. Ao entender esses movimentos, pode-se captar as complexidades e desafios enfrentados pelos jovens, proporcionando *insights* valiosos para políticas públicas e iniciativas sociais.

Concluo, assim, que este estudo contribui não apenas para a compreensão do lazer e da cultura na Zona Oeste do Rio de Janeiro, mas também para a valorização dos esforços dos jovens que, por meio de coletivos como o "Artrash", buscam redefinir e reivindicar seus espaços na construção de uma identidade cultural forte e resistente. Este trabalho, ao unir teoria e prática, pretendeu servir como um ponto de partida para reflexões mais amplas sobre políticas públicas culturais e a promoção do direito ao lazer em contextos periféricos.

Esta se constitui em uma reflexão que considero crucial de ser introduzida no Serviço Social, tanto a respeito do lazer que tem sofrido com a mercantilização, tendo sua constituição histórica como um direito ignorado e permitido a exclusão da vivência daqueles que não podem pagar para obtê-lo, quanto a necessidade de repensar as diferentes formas de ocupação e resistência que as juventudes da periferia tem empregado em seus territórios ao serem ignorados pelas políticas públicas, essas organizações precisam ser compreendidas e apoiadas.

Espero que este trabalho estimule novas investigações e reflexões sobre a relação entre cultura, lazer e resistência nas periferias urbanas, alimentando um diálogo contínuo sobre como as expressões culturais podem moldar e transformar comunidades, especialmente aquelas que enfrentam desafios estruturais significativos.

## 7. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALMEIDA, Felipe Mateus de. **O Conceito de lazer: uma análise crítica**. vol. 9 nº 16 | p. 206-229, 2021
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1981. 83p. (Primeiros passos, n.36)
- ARTRASH. Facebook, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ARTRASHZO>>. Acesso em: 16 de mar. 2023
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 03. Jul. 2023
- \_\_\_\_\_. Secretaria Nacional de Juventude. Disponível em: <<http://diretoriodepesquisasnj.ibict.br/vivo/display/n4756>>. Acesso em: 04.jul.2023
- \_\_\_\_\_. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
- \_\_\_\_\_. CLT–Consolidação das Leis do Trabalho. Brasília, 2017.
- \_\_\_\_\_. Estatuto da Juventude. Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. SINAJUVE. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/>>. Acesso em: em:04 jul. 2023
- BRASIL, Ongs. Ongs em Bangu, 2023. Disponível em: <<https://www.ongsbrasil.com.br/default.asp?Pag=1&Destino=Instituicoes&Estado=RJ&Cidade=Rio%20de%20Janeiro&Bairro=Bangu>> e acesso em 20. nov. 2023
- BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude Brasileira: Culturas do Lazer e do Tempo Livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Um olhar sobre o jovem no Brasil / Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 29-44. 218 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde)
- CATENACCI, Vivian. **Cultura popular: entre a tradição e a transformação**. São Paulo, SciELO Abr. 2001 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/VNzdzj3bndNsGT3mHhwg5krk/>>. Acesso em: 11 de nov. 2023
- D’ONOFRE, D. G., Santos, R. A. dos. **Do pioneirismo à coxia: a memória banguense e sua relação com o turismo**. PASOS Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural, 14(5), 1143–1160. 2016.
- DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Perspectiva, 1976
- ESBRASIL. Navegar na internet é o principal lazer dos jovens, aponta pesquisa. Novembro, 2019 Disponível em: <https://esbrasil.com.br/navegar-internet-lazer-jovens/>. Acesso em: 11 de nov. 2023
- ESPAÇO CULTURAL VIADUTO DE REALENGO. Disponível em: <<https://www.viadutoderealengo.com/>> Acesso em: 06 de jun. 2023
- ESTEVEES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas**. UNESCO Brasil, 2007.
- FERNANDES, Erick Rodrigo; Húngaro, Edson Marcelo; Athayde, Pedro Fernando. Lazer, trabalho e sociedade: notas introdutórias sobre o lazer como um direito social.EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 2011

FREIRE, Gomes Quintino. História de Bangu. Diário do Rio, 2008. Disponível em: <<https://diariodorio.com/histria-de-bangu>>. Acesso em: 20 de nov. 2023

GARCIA, Fernanda e RABELLO, Júlia. Os sem-museus. Das 128 instituições públicas e privadas do Rio de Janeiro, só 40 ficam fora da Zona Sul e do Centro #Colabora, 3 de abr 2019 Disponível em: <<https://projetocolabora.com.br/ods9/os-sem-museus/>>. Acesso em: 11 de nov. 2023

GROPPO, Luís Antonio. Juventudes, sociologia, cultura e movimentos. Universidade Federal de Alfenas Alfenas-MG, 2016.

LEAL, Isabella Afonso. Zona Oeste Ativa: Ocupação e Resistência Refazendo a vida pública na Praça. UFRRJ. Seropédica, 2022

LOWY, Michael. Resistências Culturais à Dominação Imperial. A Alternativa Socialista. REVISTA EM PAUTA. 2007.

MARTINS. Carlos Henrique dos Santos e SOUZA, Patricia Lânes Araujo. Cultura, Lazer e Tempo Livre de Jovens Brasileiros(as) na Perspectiva de Gênero e Escolaridade. . XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara. 2007

MARX, Karl. Manuscritos Económico-Filosóficos [1844]. Trad. br. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. O Capital Livro 1. Trad. br. Rubens Enderle São Paulo: Boitempo Editorial, 2013

MULTIRIO, Portal. O que os índices revelam sobre o Rio de Janeiro. 2019. Disponível em:<<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14898-o-que-os-%C3%ADndices-revelam-sobre-progresso-social-e-desigualdades-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 6 nov. 2023

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996

OLIVEIRA, Marta Rodrigues de; Análise da dinâmica do setor terciário na Zona Oeste carioca: o caso dos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo (RJ). UERJ. 2013

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. comunicação,mídia e consumo são paulo vol.4 n. 9 p. 63-86 mar.2007

OURIQUES. R. **A Produção do turismo fetichismo e dependência**. Campinas São Paulo: Editora Alínea. 2005.

PIRES, Marília Freitas de Campos.O materialismo histórico-dialético e a Educação. Scielo, 1997 . Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wFR4dmSD/>>. Acesso em: 11 de nov. 2023

PRADO, Luís Alberto Bangu: o centro geográfico do Rio de Janeiro. MultiRio. 03 Fev.2014. Disponível em: <[http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=653:periodo-classico&catid=36&Itemid=385](http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=653:periodo-classico&catid=36&Itemid=385)>. Acesso em: 06 de jun.2023

Qual é o lazer dos jovens? Revistapontocom, 2014. Disponível em: <<https://planetapontocom.org.br/revista/materias/qual-e-o-lazer-dos-jovens.>> Acesso em: 11 de nov. 2023

RIO, Instituto. Sobre a Zona Oeste. 2017. Disponível em: <[http://www.institutorio.org.br/sobre\\_a\\_zona\\_oeste](http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste)>. Acesso em: 06 de nov. 2023

ROCHA, Eveline Lima. A concepção marxiana de alienação na obra Manuscritos Económico-Filosóficos. repositorio.ufc, 2011. Disponível em: <[chrome-extension://efaidnbmnnpbpcjpcglclefindmkaj/https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20908/1/2011\\_eve\\_elrocha.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnpbpcjpcglclefindmkaj/https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20908/1/2011_eve_elrocha.pdf)>. Acesso em: 11 de nov. 2023

Realengo ganha Espaço Cultural Arlindo Cruz. prefeitura.rio, 2014. Disponível em:  
<<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4712246#:~:text=Ele%20foi%20constru%C3%ADdo%20em%20substitui%C3%A7%C3%A3o,f%C3%A9rea%2C%20no%20Campo%20de%20Marte>>. Acesso em: 11 de nov. 2023

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. Editora Brasiliense. Dividindo opiniões multiplicando cultura, 1987.

SANTOS, Vivian de Almeida. **O cultural é político: a ocupação do espaço público e redes de cooperação entre iniciativas socioculturais na Zona Oeste do Rio. XIV Reunião de Antropologia do Mercosul**. Tese (Pesquisa de Mestrado). Sociologia e Antropologia, UFRJ. Niterói, Rio de Janeiro, p. 24. 2023.

SEMEGHINI Pereira, M. A. (2009). DIREITO AO LAZER E LEGISLAÇÃO VIGENTE NO BRASIL. Revista Eletrônica Do Curso De Direito Da UFSM, 4(2). <https://doi.org/10.5902/198136947030>

SOUZA, Marianna de Alencar e. **Marx e a produção do lazer na contemporaneidade**. Periódicos UFJF, 2011.

SOUZA, Roberta de Jesus Fernandes Gonçalves de. Cidade, arte e política: redes educativas e participação social em coletivos juvenis. 2020. 141 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

VALLE. Daniel. Espaço Cultural Arlindo Cruz promove atividades culturais gratuitas em Realengo. Jornalista Popular. 2016 Disponível em:  
<<https://jornalistapopular.wordpress.com/2016/12/16/espaco-cultural-arlindo-cruz-promove-atividades-culturais-gratuitas-em-realengo/>> Acesso em: 06 de jun. 2023

VANNI, Brenda e HATMANN, Matheus Rio: capital da privação do lazer. Medium, 17 jun. 2020 Disponível em:  
<<https://medium.com/dados-e-jornalismo/rio-a-capital-da-privacao-do-lazer-1ea1beef12c4>>. Acesso em: 11 de nov. 2023